

Auto de José do Egípto

Organização, introdução e notas de

António Bárbolo Alves
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Ministério da Educação)

FICHA TÉCNICA

Título: Auto de José do Egípto

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Setembro de 2007

ISBN: 978-972-9249-10-5

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de l Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

1. Versões existentes no CEAMM

No CEAMM existem quatro cópias deste texto. Duas são dactilografadas, com cinquenta e nove páginas cada (a uma delas falta-lhe uma página). Estas cópias, embora muito próximas da versão manuscrita, não deverão ter sido feitas a partir desta porquanto as diferenças, em alguns versos, são substanciais.

Este “auto” constitui um dos poucos e verdadeiros “cascos” do Teatro Popular Mirandês existentes no espólio de António Mourinho. Este, como se pode ler numa nota manuscrita inserida na última página, pertence(u) a “Fábio de Simão Fanega”, natural de Sendim, nascido em 1900 e falecido em 20.03.1946. Fábio Fanega foi um famoso regrador, tendo também “ensaiado” os *Reis falados*, representados em Sendim na década de 30.

Existe ainda uma fotocópia de uma *Auto de Joseph, filho de Jacob reconhecido por seus irmãos no Egypto*, da autoria de António Cândido de Souza Vasconcellos, editado pela Livraria Lello & Irmão, no Porto, em 1892. Esta cópia apresenta bastantes lacunas, com algumas partes completamente em branco, outras de difícil leitura, faltando-lhe igualmente duas páginas (números seis e sete).

2. Origens

Numa nota manuscrita, datada de 18.02.1974, da autoria de António Mourinho, que se encontra numa folha solta (em papel timbrado do *Congresso Internacional de Etnografia*, realizado em Santo Tirso, em 1963), encimada pela informação “Duas Igrejas” que foi sobreposta às palavras “Santo Tirso – Portugal”, pode ler-se a seguinte informação:

“Este auto é puramente bíblico e em conformidade com as tradições e o temperamento cultural dos sendineses em cuja economia demográfica existe muito sangue judeu.”

Sobre as “origens” do nosso texto, para além da influência do texto bíblico, em que se fundamenta, deve tratar-se de uma adaptação do *Auto de Joseph, filho de Jacob, reconhecido por seus irmãos no Egypto*, composto por António Cândido de Souza Vasconcellos. Contudo, como assinalamos na “edição interpretativa”, as diferenças entre os dois textos são substanciais, sendo o nosso mais extenso uma vez que lhe foram “acrescentadas”, no início, variadas cenas e personagens.

3. Representações

Na nota anteriormente citada, da autoria de Mourinho, escreveu o investigador:

“Este auto de José do Egípto tem sido representado em Sendim, já no meu conhecimento, por duas vezes entre 1930 e 1950 e em Genízio. (...) Neste ano de 1974 gente de Sendim parece prepara-se para repetir esta representação.”

Efectivamente, segundo a informação que consta da última folha do nosso casco, uma representação de Sendim ocorreu no dia 10 de Maio de 1936. Angélica Bárbolo, minha mãe, confirma que, na sua juventude, assistiu a duas representações nessa localidade, uma realizada junto à Igreja Paroquial e outra no lugar das Eiras. Apesar dos seus 83 anos, conta-me toda a história do Auto, com pormenores curiosos, como o de terem transportado a José, na sua viagem para o Egípto, num “carro de palha”. Vai citando igualmente alguns versos, como estes do pranto de Jacob (que ela chama Jesé C6), onde se mistura o mirandês com o português:

*Ai que será de mim
Nun me çquece de Jesé
Para me lembrar de Bejjamin.*

Ou aqueles em que os irmãos de Benjamim, garantem ao seu pai que não pode ser o seu irmão quem lhes vendeu o trigo no Egípto:

*Jesé nun pode ser
Foi comido pelas feras
Não volta a aparecer.*

Quanto à representação de 1974, sabemos que não se chegou a concretizar, possivelmente em virtude do período revolucionário que o país atravessava. Contudo, foi representada cerca dez anos mais tarde, em Junho de 1982 ou 1984.

Há também notícia de ter sido representada em Ifanes / Infainç, em várias ocasiões cujas datas precisas não podemos precisar. Foi nesta localidade que Azinhal Abelho recolheu, das mãos do padre Manuel Lopes, natural dessa freguesia, a versão reproduzida na 1º Volume do seu *Teatro Popular Português* dedicado a Trás-os-Montes.

NOTA à Edição Digitalizada

Dado o formato das páginas do manuscrito ser de 21x32cm houve a necessidade de reduzir o seu tamanho para A4 (21x29,5 cm) a fim de as digitalizar. Por isso, nas margens de algumas páginas, podemos encontrar partes da página anterior ou da seguinte.

NOTA à Edição Interpretativa

Este texto é, seguramente, um dos que apresenta maior diversidade ortográfica, reveladora do parco grau de instrução de quem o transcreveu, mas também da sua enorme vontade e paixão pelo texto.

Seguiremos as normas gerais de edição definidas, conservando, em itálico, as formas que, em nosso entender, não colocam qualquer problema de interpretação e actualizando a ortografia daquelas que poderão levantar mais

problemas. Em nota de rodapé serão assinaladas, entre aspas, as formas originais do manuscrito. Para além dos “critérios gerais”, definidos para estas edições, e de forma a responder às exigências deste texto, seguimos também as normas, que a seguir se especificam:

1. Juntámos palavras que se encontram separadas: em sinei → ensinei; a qui → aqui; em contra → encontra; em forçar → enforçar;
2. Separámos as formas que aparecem unidas: aver → a ver;
3. Mantivemos as terminações verbais da terceira pessoa do presente do indicativo, pretérito perfeito e imperfeito, assim como do presente do conjuntivo que, na esmagadora maioria, terminam em *-ão*. Ex.: *adivinbão, estavão, fação, tiverão, vierão*, etc.
4. Mantivemos as ortografias do som fricativo pré-palatal, colocando em itálico as formas que não correspondem à ortografia moderna: *paichão, deichei*, ...
5. Corrigimos a ortografia do verbo “haver” que aparece, quase sistematicamente, sem agá inicial;
6. Conservámos a ortografia nas restantes palavras em que se verifica a ausência de agá inicial: *oje, onrrar (onrar), omem, orror*; ...
7. Mantivemos a colocação / forma / ortografia do pronome pessoal complemento directo: *agarremol-o (a); matal-o*;
8. Em rodapé, assinaladas entre aspas, colocámos algumas formas ortográficas originais, para que o leitor as possa confrontar, mesmo sem ter de recorrer à edição digitalizada.

AUTO DE JOSÉ

[PROFECIA]

Amados fiéis *oubintes*
Peço-vos¹ alguma atenção
A obra que se vai representar
É a *bida* de José
Bemdido por seus irmãos.

Jacob e diversas *molheres*
Doze filhos tivera
A todos ama e estima
Mas tem um que mais *benera*.

Rubem, Simão, Levi
Gade, Dam, Nafetali
Juda, Aser, Yzacar,
Zabelom, José e Benjamim².

Entre todos os irmãos
Se *destingue* José
Pela sua afabilidade³
De seu *pae* mais querido⁴ é.

José sonhou um sonho
A seus⁵ irmãos o contara
Que andando todos a *segar*⁶
Ele um molho *ataba*.

Que ele o via ficar em pé
E os que eles atavam⁷
Em roda do seu se juntavam
Ele parecia⁸ que o adoravam⁹.

¹ “peçobos”.

² O “actor” que interpretou a figura de Benjamim, numa das representações que teve lugar em Sendim, possivelmente a de 1936, chamava-se António Nobre. Lembro-me bastante bem dele pois casou e viveu em Picote, sendo um extraordinário tocador de acordeão. Contudo, sempre o conheci pelo nome de *Tiu Benjamim* e sempre pensei que esse fosse o seu verdadeiro nome. Recentemente descobri que assim não era. A alcunha ficou-lhe dessa representação e com ela viveu e morreu.

³ “afabilidade”.

⁴ “crido”.

⁵ “Assesus”.

⁶ Forma mirandesa. Cf. português “ceifar”.

⁷ “a tabão”.

Um dia José *aus* seus irmãos
Uma *ação* má lhe *vio*¹⁰ fazer
Para que o *pae* os repreendera
Tudo lhe *beio* a dizer.

Os irmãos se *alterão*
Em lugar de se *umilbar*
Combinão entre sete
A seu irmão José matar.

Dam como invejoso
Xama-lhe o sonhador
Nafetali como traidor
Xama-lhe empostor.

Aser Yzacar como *inraivecidos*
Do que lhe tinha dito a seu *pae*
Cada vez que o *bião*
Lembrabão-se de o matar.

Rubem como mais *belho*
A seus irmãos ordena
Que não matem a José
Antes o *metão* em uma cisterna.

Os outros também¹¹ dizem
Que não *cometão* tal *ação*
Dizem não matem a José
Estes foram Levi e Simão.

Manda Jacob a José
Que os seus irmãos *bá ber*
E tudo o que acontecer
Logo lho venha a dizer.

José como obediente
A *benção* a seu *pae* pediu
Com as lágrimas nos olhos
De seu *pae* se despediu.

⁸ “parcia”.

⁹ “adurabão”.

¹⁰ A leitura desta palavra não permite verificar com clareza que se trata de um *v* ou de um *b*. O mais provável é, aliás, que tenha havido um “correção” do *b* pelo *v*, porquanto, como se pode constatar pelo restante texto, a utilização do *v* é muito rara.

¹¹ “tão bem”.

Dam desde que viu seu irmão
Dis la bem o sonhador
Dis também a Nafetali
Que se mate o impostor.

Logo que José chegou
A ele se *rodia*ão
Lembrandose do que *dise Rubem*
A túnica lhe *tira*ão.

Pensando eles que ninguém os via
Naquela floresta cerrada¹²
Estaba o gracioso a *ber*
Não *deichou* esquecer nada.

Por mais que José *chorase*
De nada se *estremecer*ão
*Agarr*ão com ele em braços
Na cisterna o *meter*ão.

Rubem foi *ber* os gados
Que pelos campos *andav*ão
Os outros *nobe* irmãos
Todos a comer se *a sentab*ão.

Dis que no mesmo instante
Dois mercadores *pasav*ão
Todos *nobe* a eles se *derijem*
A *ber* se José lhe *comprav*ão.

Os mercadores dizem que *trag*ão
Ali José para o *berem*
Logo que o *vir*ão *pregunt*ão
Quanto por ele querem.

Enfim todos *acurda*ão
A vender a seu irmão
O que nunca aconteceu
Na *crestiandade* tal traição.

Os mercadores desde que virão
Um jovem se[m] *egual*
Determinam¹³ a *vendelo*
A Putifar General.

Putifar desde que o viu
Tão cheio de mansidão
Manda-lhe *en sinar* tudo
Com grande satisfação.

A *molber* de Putifar
Tumoulbe grande amizade
Dizendo-lhe que a ele se *daba*
De muito boa *bontade*.

Ele se recusa
Com constância¹⁴ e valor
Dizendo que não quer ser falso
A seu amo e senhor.

Feslbe queicha a seu marido
Mas tudo em contradição
Ele cheio de cólera
O manda para a prisão.

Ela como traidora
Falsa muito malvada
Tiralhe a capa dos ombros
Para a calúnia ser levantada.

José qual manso cordeiro
Obedece a seu senhor
Na cadeia se *em contra*
Com padeiro e *cupeiro mor*.

Estes *sonbar*ão um sonho
Que muito os *asustou*
José pela *oniputência* divina
O sonho lhe *espliou*.

Au padeiro *dise* José
O que o sonho queria dizer
Que dentro em três dias
Em forçado havia¹⁵ de ser.

Au copeiro também *dise*
Com muito *animo* e alegria
Que dentro em *tres* dias
Au palácio voltaria.

Por esta primeira parte
Peçobos senhores alguma atenção
O que pertence à segunda¹⁶.

JOSÉ PEQUENO

¹⁴ “custancia”.

¹⁵ “a bia”.

¹⁶ Parece-nos claramente que falta um verso a esta estrofe. Contudo, nas outras versões, toda a estrofe é inexistente.

¹² “serada”.

¹³ “De treminão”

Ouvi dum sonho que eu tive
Parecia-me que nós
Atabamos no campo
Feiches de trigo
O meu *feiche* *estaba* direito
E os *bosos* em roda
Adorabão o meu *feiche*.

TODOS

Acaso tu *birás* a ser *noso* Rei
E nós estaremos sujeitos ao teu domínio!

JACOBO

Ide por *eses* campos
A guardar os *bosos* rebanhos
Não *benba* alguma fera
Devorar *algum* *arres*¹⁷.

JOSÉ PIQUENO

Doutra *bez* também sonhei
Que o sol e a lua
E onze estrela[s] me *adorabão*.

JACOBÉ

Acaso eu e tua mãe
E teus irmãos te adoraremos sobre a terra?

*Sai “Jacobe” e José “piqueno”. Junto sai o
Gracioso com tropelices:*

José será bem
Que com teus irmãos vás ter
E os gados vás ver
E tudo o que acontecer
Mo *benbas* logo a dizer.

Diz-lhe a teus irmãos
Que *fação* oração
Que para *iso* sempre
Há¹⁸ sempre ocasião.

Diz José:

Meu pai eu já *tibe* *esa* *tenção*
Mas não o quis chamar
Por estar em oração
Eu *bou* ter com meus irmãos.

E os gados vou *ber*
E tudo o que acontecer
Eu lho *birei* a dizer.

Dai-me a *bosa* *venção*
Que *bula* peço de coração
Não tenha pelo caminho
Algum *torpeço* o *mação*.

Diz Jacob:

Vai filho que eu te abençoo¹⁹
Como tenho na *tenção*
Eu a Deus te recomendo
Na minha oração.

*José “veja” a “bênção” a seu pai e “sae” de casa com
uma grande cesta à cabeça que “leba” a merenda a
seus irmãos e “vae” cantando o seguinte:*

Eu vou *ber* os meus irmãos
Por mandado de meu *pae*
Eide tomar atenção
O que pelos gados *bae!*

“Au” chegar...

Ó irmãos da minha alma
Irmãos do meu coração
Por mandado de *noso* *pae*
Bos saúdo
E que recebais a sua *benção*.

*José ao chegar aos gados “vae” olhando para eles
como quem os “bae” contando:*

Diz Dam:

Lá vem o *noso* irmão José, o sonhador
Vamos matar *ese* impostor?

TODOS

Vamos, vamos.

Diz Gade:

Iso, irmãos meus
É o que *debeis* fazer
Porque nosso *pae*

¹⁷ Por “alguma rés”. Esta ortografia denota claramente a influência da pronúncia mirandesa – *algua rés* – pela inexistência da bilabial [m].

¹⁸ “a”.

¹⁹ “avençou”.

Só *acradita* o que ele *diser*.

ASER

Não *bos* lembra já
Do que *el* nos fez *pasar*
Para que outra não aconteça
Vame-lbo a matar.

ZABELOM

Iso que dizeis
É bem de *acraditar*
Pois que se o matarmos
De que *le balerá* o sonhar.

RUBEM

Ó não façais tal
Pois vós quereis matar
O que é vosso irmão
Antes *metelo* numa cisterna
E não *cometades* tal *ação*!
Não mancheis as vossas mãos
No sangue do nosso irmão.

Diz Simão:

Iso é mais *razoabel*
Porque se o matais
Podenos Deus castigar
Metello numa cisterna
É melhor do que o matar!

Diz Levi:

Eu também concordo *niso*
Não o devemos matar
Por que o nosso velho *pae*
Reloucaria a chorar!

IZAQUEL

Eu, irmãos,
Também *bos digo*!
Que não o mateis
Mas *dailhe* um bom castigo.

*“Chegão” a “pasar” dois mercadores. Chega José
ao pé dos irmãos. Diz José:*

Em nome do nosso velho pai
Vos saúdo e que recebais
A sua *benção*.

*Vai-se Rubem para um sítio escondido e olhando uns
para os outros “agarrão” a José e “dispen-no”. Diz
José:*

Irmãos meus
Bós que me quereis fazer
Olhae se me fazeis mal
Au pae lho bou a dizer!

“Lebão” a José pra cisterna. José chorando:

Irmãos do meu coração
Não me façais mal, não?

Depois de metido na cisterna, diz José:

Ai! Que será de mim
Nesta triste solidão
Ai meu *pae! pae* do meu coração
Que já o não torno a *ber* não.

*Depois que metem a José na cisterna vão-se e sentam-
-se todos a comer. Chega Rubem. Diz Rubem:*

Ai que José não está aqui
Ó triste de mim
Agora que fará nosso *pae*
Sozinho *cem Bejamine*.

Matasteis a José, *matasteis*
Não me digais que não
Agora o nosso velho *pae*
Vae morrer de *pechão*.

Diz Nafetali:

Ó não morrerá não,
Porque eu enganá-lo vou²⁰
Mustrandolhe os *bestidos* ensanguentados
Dizendo-lhe que uma fera o tragou.

GRACIOSO

Ó que *treição praticarão*
Nunca se viu *egual* no mundo
Meter o pobre rapaz
Naquele poço tão fundo.

Mas o medo que eu tenho
É se me *pescão* por aqui
E mais se me pilha

²⁰ “em ganalo bou”.

Um chamado Nafetali.

“Pasão” dois mercadores:

“Dis” Dam:

Vedeis aqueles dois *omes*
Que *pasão* para o *Ijito*²¹
Vamos *vemder* a José
E se anuis isto.

Dizem todos:

Vamos, vamos!

Diz Levi:

Iso é o que devemos fazer
Em quanto ao que me *parcer*
Por que desta maneira
Ninguém o tornará a ver.

Diz Dam:

Ó vós *omens*
Atendei o que vos digo
*Compraimos*²² um *rapas*
E *lebai-o* pró *Ijito*.

Diz o 1º Mercador:

Trazeio cá para o *ber*.

Dam e Nafetali “ban” por José. Diz o segundo mercador, olhando para ele:

Quanto quereis por ele?

“Dis” *Nafetali:*

Queremos trinta moedas em prata
Arrepartir por dez
Tocamos a cada um três.

Diz o 1º Mercador:

Daremos *ese* dinheiro
Por que o rapaz é bonito
Que te parece companheiro.

Diz o 2º Mercador:

A mim bem me parece
E também concordo *niso*
E o *lebaremos* a Potifar
Que não tem filhos nem filhas
Não *deichará* do aceitar.

Diz o 1º Mercador:

Aqui *tendeis* o dinheiro
Que pelo rapaz *tendeis* pedido
Reparti-o²³ pelos dez
Como vós *tendeis* dito.

Gade pega no dinheiro e diz:

Muito obrigado
E queira Deus
Que *tenhades* uma boa sorte com ele.

Os mercadores “agarrão” com José no meio duma “cargadura”²⁴ e tapão-no com uma coberta. Diz José:

Ah meu *pae!*
Pae do meu coração
Ai que não vos torno a ver não.

Diz o 1º Mercador:

Vasta menino, *vasta*,
Vasta o teu clamor,
Nós te *bamos lebar*
A quem te *ade* estimar.

GRACIOSO

Olhae!.. Oh que já o *venderão*
Fizerão pior que a Cristo
É o crime mais *orrendo*
Que no mundo temos visto.

Lá vai²⁵ José chorando

²¹ Por Egipto. Refira-se que, na Terra de Miranda, é ainda muito comum ouvir a expressão “ir / foi para o Egipto” quando se quer dizer que alguém está em local incerto ou não se quer dizer onde está.

²² O pronome “mos” é mirandês.

²³ “Repartio”.

²⁴ Forma mirandesa. Cf. português “carga”.

²⁵ “Lbae”.

Chora que tem razão
Mais *ade* chorar o *pae*
Em sabendo a *treição*.

Toque música.

*“Chegão” os mercadores a casa do General. Diz
o 1º mercador:*

Sr. General
Aqui lhe trazemos um rapaz
Que em Caná o *compremos*
Por ele 30 moedas *damos*
Nós ganância não queremos
Porque logo que o compramos
Do senhor general nos lembramos.

2º MERCADOR

Pois se vos apraz
E com *elle* quereis ficar
Bem o podeis estimar
Também a *bossa molher*
Nisso deve consentir
Por que vae ter
Com quem se *a divertir*.

GENERAL

De *voa bontade* o aceito
Pois que é bonito e perfeito
Visto não *credes*²⁶ ganância
Eu *eide volo* agradecer.
Esperae um pouco
Que *lo* vou mostrar a minha mulher.

*Entra o General para dentro e “leba” a José pela
mão:*

GENERAL

Vês *molher* este menino
Que para nós o *comprarão*
Trinta por ele *darão*
E ganância não *lebarão*.
Vês como é bonito e perfeito!

Diz a “molher” abraçando²⁷ a José:

Ó que menino tão lindo
Mas como o compraram²⁸ despidinho.

²⁶ Por “quererdes”.

²⁷ A forma que nos aparece no texto é “abrando”.

GENERAL

Trata já do *bestir*
E à escola o mandar
Trata-o com carinho
Que eu ao *omens* vou pagar.

Aqui tendeis

Trinta moedas em prata
Que *desteis* pelo *rapas*
Ainda *bos* dou mais duas
Porque muito me apraz.

Mulher, *a abi* tens esse menino
Quero que bem o ensines
E o trates com carinho!

Já que a *ónipotencia divina*
Não nos dá sucessão²⁹ verdadeira
Dar lhe emos um bom ensino
E uma educação inteira.

Eu *bou-me pro izército*
Não sei quando voltarei
A Deus! A Deus esposa querida³⁰.

“Abração-se” e diz a “molher”:

Pois se *a sim* é preciso
Eu *a Deus* também te digo
Já fico mais contente
Por estar com este menino.

*Vai-se³¹ o General³² e encontra³³ no caminho o
Gracioso:*

GENERAL

Que andas tu por aqui a fazer
Roto e esfarrapado
Não sabes que é proibido
Andar na cidade mendigando.

“Amiaça-lbe” com a espada:

²⁸ Na versão manuscrita aparece “comprar”, que foi corrigido, nas versões dactilografadas, para “comprarão”.

²⁹ “soção”.

³⁰ “crida”.

³¹ “Baise”.

³² “jeneral”.

³³ “em contra”.

GRACIOSO

Minha vida é assim
Eu não tenho outro *biber*
Pois não tenho onde trabalhar
Agora, agora, diga o senhor o que me quer!

GENERAL

Pega lá um escudo
Para te saciares
Também quero dar uma roupa
Para ser limpa e te *modares!*
Quero que a estimes e não a estragues.

GRACIOSO

El dis que me *bae* dar uma roupa
El dará ou não! Ai se ma dera
Bou ser um grande pimpão.

“*Molber*” do General para José:

Dis piqueno
Donde és e como te chamas?

JOSÉ

Sou de Cana-an
E José me chamo³⁴
Ai que será de mim
Neste reino estranho.

Toque música. “Fechão-se” as cortinas da “caza” de Jacob.

Gade [a]³⁵ Nafetali

Traz a túnica de José
Para o *pae* ir *em ganar*
Trazia de presa
Que a quero *em senguentar*.

Nafetali entrega-lhe a túnica a Gade e mata o cabrito e “em sanguenta” a túnica.
Diz Gade:

Vae, mostra-lha a nosso *pae*
E mostra-te *apeichonado*

Dizendo-lhe que o nosso *crido* José
Uma fera o *a tragado*.

Nafetali pega na túnica e “estendia” em cima dum pau e “bae” com ela às costas a casa de Jacob.

Meu *pae!*
Uma *noba bos bou* dar
Que é para pasmar!

Andando nós com os gados
No campo a *pacentar*³⁶
Au lonje oubimos gritar
Todos a correr fomos
Cuando ao sítio *cheguemos*
Eis que *em contremos*
Este *bestido*
Roto e esfarrapado
E todo *em senguentado*
Reconhecimos! e vimos!
Que era a túnica do *noso* José
Que uma fera o tinha tragado.

JACOBE

Ó meu filho José
Filho do meu coração
Tu bem o *adivinhabas*
Quando me pediste abenço
Ai! Que eu morro de pena
Pois que *ella* é tamanha.

Já não quero mais galas
Já não quero mais prazer
Um filho tão obediente
Foe o labrinte das feras!³⁷

Jacob cai um “monto”³⁸ nos braços de Nafetali.
“Fechão-se” as cortinas da casa de Jacob.

GRACIOSO

Agarra-te³⁹ a ele senão morre.

Toque música.

³⁴ “mecha-mo”.

³⁵ Esta preposição não consta da versão manuscrita. Na versão dactilografada aparece a conjunção “e” que, em nosso entender, não é apropriada para a compreensão do texto

³⁶ Por “apascentar”.

³⁷ “Foi ao labirinto das feras”?

³⁸ Nas cópias dactilografadas lê-se: “Jacob cai um manto”. Mas talvez a forma mais “adequada” fosse: “Jacob cai como morto”.

³⁹ “Agarate”.

“Sae” a “molher” do General “com bersando”
com José grande e ela deitada em cima de uma
cama e José de perto coberto com uma capa.

Não estejes tristes rapaz
Por *com migo* aqui estar
Para ti foi uma *fertuna*
Em meu marido te comprar.

Tu não ouviste dizer-lhe
Quando se foi meu marido
Que as artes te *ensinase*
E te *tratase* com carinho!

Eu também assim o quis
Porque tudo isso fiz
Porque logo que te vi
Muito de ti gostei!
E tudo quanto sabes
Eu já to ensinei!⁴⁰

Pegando-lhe na capa:

Agora José! Mais te digo
Meu marido não está aqui
Para que faças suas *bezes*
Quero que te *a poderes* de mim!

Por isso⁴¹ não te *em bergonbes*
Pois que te dou liberdade
Já a ti me entrego
De muito boa *bontade*.

José recusando-se⁴² e pegando na capa:

JOSÉ
Como posso eu cometer
Tamanho crime e pecar
Contra meu Deus e Senhor!

Se *cometese* tal *ação*
Seria um grande *treidor*
Contra meu amo e senhor.

Diç a “molher” sem largar a capa:

Ó José, tu bem sabes
Que te amo, amo-te de coração

⁴⁰ “em sinei”.

⁴¹ “Puriso”.

⁴² “recosandose”.

Faz o que te mando
E não me digas que não.

Diç José largando a capa:

Já vos disse, *acraditae*
Que nisso não consinto eu.

Foge e guarda-se. Diç a “molher”:

Maldito sejas⁴³, rapaz,
Tão *sizõnbo*⁴⁴ e sagaz⁴⁵
Pois tua ama não obedeces
Só fazes o que te apraz.

“Entrão” dois soldados a ver o que diç a “molher”.
O General “sae” do palácio pra sua casa e o
Gracioso atrás dele para “ber” se lhe “daba” a roupa
que tinha “premetido”.

Diç a mulher prós soldados:

Vedes que malvado
Meteu em casa meu marido
Veio para me fazer mal
E como eu gritasse, fugiu⁴⁶.

Aparece o General:

Que é *iso* que ouço gritar
Aonde está o rapaz
Que te mandei ensinar.

MULHER

Maldita seja a *ora*
Em que em casa o meteste
Por bem pouco me *salbei*
Pois que a tal *ora* vieste
Pois se ouviste gritar
Era tudo contra *elle*.

À minha cama veio ter
Com tenção⁴⁷ de me ofender

⁴³ “sejes”.

⁴⁴ Esta forma, idêntica às versões dactilografadas, não é mirandesa nem portuguesa. O contexto leva-nos a supor que se trata de uma forma aumentativa, derivada de “siso”, significando bom-senso ou juízo. Contudo, poderá também ser um “erro” de transcrição da palavra “bisonho” (principiante, tímido).

⁴⁵ “zagaz”.

⁴⁶ “E como eu gritase fojiu”.

⁴⁷ “Contenção”.

E como eu gritasse⁴⁸
Tratou de se escapar
Que nem a capa pôde⁴⁹ levar.

GENERAL
Ó *treidor!* Tomara de te *ber*
Pois não te *lembrabas*
Que era minha *molher*
Para tal *treição* cometer.

JOSÉ
Aqui estou inocente
Faça de mim o que quiser.

Diz o General “dezebanhando” a espada:

Melhor fora aqui não aparecer
Mas para não te ofender
Tanto como teu crime *mrece*
Mando que sejas preso⁵⁰
E metido numa *chovia*⁵¹.

*Os dois soldados “deitão” a mão a José
(Diz o 1º preso 2º preso “determinu”)⁵².*

GENERAL
Levai-o⁵³ ao seu destino

*Os dois soldados “lebão” a José para [a] cadeia e
encontra com Copeiro e Padeiro:*

GRACIOSO
Olha o bom do rapaz
Que *treioeiro* poderá ser
Estaba a molher na sua cama
E com ela se queria meter.

GENERAL
Pega lá este casaco
Que era *dese treidor*
Maldita *seje a ora*
Em que o comprei aos mercadores.

Toque música. Enquanto o General faz o “proceso”.
*O General vai ao palácio com o “proceso” na mão e
diz:*

Um processo meu rei
Contra o malfeitor.

Entrega-lhe o “proceso” a um “cortezão” e vai-se⁵⁴.
José na cadeia:

Não me dizeis por que estai tão tristes?

Respondem ambos “o” mesmo tempo:

Tivemos um sonho
E quem o explique não temos.

JOSÉ
Explicae cada um o seu
E depois *bremos*.

COPEIRO
Ver uma vida⁵⁵ eu sonhara
E de três gomos que tinha
Pouco a pouco a *crecer*⁵⁶ vinha
De cada um sua *bara*
E de produzir não pára!

JOSÉ
Esse sonho quer dizer
Que serás solto em três dias
Ai, nas tuas alegrias
Lembra-te do teu amigo
Que agora fala contigo.

PADEIRO
Eu também sonhei
Que à cabeça *lebaba*
Três cestos de farinha!
Com muitos pasteis em cima
Revoando as aves por cima
Elles tudo me *comião!*

JOSÉ
Os três cestos que sonharas
Denotam três dias a passar
No fim dos quais

⁴⁸ “grita-se”.

⁴⁹ “pude”.

⁵⁰ “presso”.

⁵¹ Por “enxovia”, prisão térrea e subterrânea.

⁵² Esta didascália foi aqui colocada por lapso do copista pois, como se vê, os outros dois presos só intervêm um pouco mais à frente.

⁵³ “Lebaio”.

⁵⁴ “baise”.

⁵⁵ Por “videira”

⁵⁶ Esta é também a forma mirandesa, moderna, do “crescer”.

Te mandarão enforcar⁵⁷
Os doces que vias *lebar*
Segnificação comer tuas carnes.

GRACIOSO

Tenho andado *obssebando*
A *bida* deste *bilão*
Agora por sua desgraça
Já o *meterão* na prisão.

Toque música.

Aparece o palácio de Faraó⁵⁸, provido de mesas e cadeiras. Diz Faraó sentado e mais alguns “cortezanos”⁵⁹ e diz o Rei para o 1º “cortezão”:

FARAÓ

Vae de meu mando
Au carcereiro dizer
Que passados três dias
O padeiro há-de⁶⁰ morrer.

E para *comprir* meu mandado
Quero que *seje* enforcado⁶¹.

Que solte o copeiro-mor
E ao palácio faz trazer
Para seu *logar* ocupar
Porque dele é *mercedor*.

1º PAGEM

As suas ordens, senhor
Serão *compridas*.

O “pagem” vai ao General e o “jeneral” manda bradar as armas e “riune” a tropa e manda perfilar⁶².

PAGEM

Faraó por mim te ordena⁶³
Que soltes o copeiro
E enforques⁶⁴ o padeiro.

General, fazendo a “bénia”:

Senhor, tudo isso vou já mandar.

Toque música [a] enforcar o padeiro, aparece a tropa a soltar o copeiro.

PROFESSLA

Faraó⁶⁵ sonhou um sonho
Que *andaba* muito assustado
Não achando em seu palácio
Que lhe explicasse⁶⁶ o *rezultado*.

O copeiro disse então:
Quando eu *estaba* na prisão
Também sonhei um sonho
E José me dera explicação.

Faraó desde que ouviu
Nomiar este *barão*
Manda logo em continente
A *buscalo* à prisão.

José logo que se viu
Posto em *libardade*⁶⁷
Diante de Faraó *ajuelba*
Com muito grande *omildade*.

Faraó o levanta⁶⁸
Donde estava ajoelhado
E lhe diz que lhe *esplique*
Um sonho que tem sonhado.

José logo que lhe *esplicou*
O que o sonho queria dizer
Que sete anos *abondantes*
Denotavão aparcer.

E depois destes *pasados*
Outros sete virão
Tão *escasos*⁶⁹ e famintos⁷⁰
Que muitos reinos flagelarão⁷¹.

Disse⁷² Faraó para José

⁵⁷ “em forcar”.

⁵⁸ O Faraó é apenas o nome de uma personagem e não o título de um Rei, como deveria ser.

⁵⁹ O -n- intervocálico denuncia a influência no mirandês.

⁶⁰ “a de”

⁶¹ “em Forcado”.

⁶² “por filar”.

⁶³ “tordena”.

⁶⁴ “em forques”.

⁶⁵ “Faraó”.

⁶⁶ “esplicase”.

⁶⁷ Esta é igualmente a forma mirandesa.

⁶⁸ “lebante”

⁶⁹ De notar que a forma mirandesa é “*scaso*”, pelo que a representação gráfica desta apical sonora, com um só “esse” corresponde também ao mirandês.

⁷⁰ “famentos”.

⁷¹ “flajirão”.

Muito alegre e contente
Eu te nomeio *vicerreí*
E do meu lugar-tenente⁷⁵.

E também quero que *sejes*
Com a *Senete* casado
E por todo o reino do *Egito*
Ser visto e adorado.

Os sete anos *aparecerão*
De muita *fartalidade*
E também os outros sete
De muita *estrelidade*.

Faraó a José ordena
Que trate de enceleirar
Trigo por todo o reino
Para a fome atalhar.

Conta-se por toda a parte
E mais nos reinos *vezinhos*
Jacob manda a comprar trigo
Au Egito por seus filhos.

Elles chegam ao *Egito*
Cheios de *constreção*
Todos eles *ajuelhão*
Diante de seu irmão.

José desde que os *biu*
Chorou com alegria
Mas sem eles o conhecerem
Os manda para a *enchovia*⁷⁴.

Vendo-se eles metidos
Em tão forte prisão
Pagarão o delíto
Que *fizerão* a seu irmão.

Passado já três anos
Que *estabão* na prisão
Ordena que se *bão em bora*
Ficando preso Simão.

Manda-lhe medir o pão
José por seu *escodeiro*
E lhe ordena também

Que lhe meta nos sacos o dinheiro.

Jacob muito contente
A seus filhos *abraçaba*
Mas logo ficou triste
Em ver que Simão *faltaba*.

Contam-lhe o acontecido
E o que *pasaba em fim*
Mas que quando lá *boltarem*
Lebasem a *Beijamim*⁷⁵.

Jacob jura e protesta
Que não o levarão não
Mas não *tebe* outro remédio
Quando lhe faltou o pão.

Voltão segunda vez
Au Egito com *Beijamim*
José se dá a conhecer
E faz um grande festim.

José manda a seus irmãos
Que seu *pae bão* buscar
A profecia acabou
A obra vai principiar⁷⁶.

A minha indigna *boz*
Enfado⁷⁷ vos terá dado
Mas a todos vos peço perdão
Do *em fado* que vos tenho dado.

Auditório⁷⁸ *ecedente*⁷⁹
Alguma atenção *tomae*
Para *em tenderdes* bem
O que pela obra *bae*.

Toque música.
Aqui se vê a sala de Faraó e Faraó sentado e os
cortezãos a seu lado e Faraó “lebantase”.

FARAÓ⁸⁰

⁷⁵ Esta é também a forma mirandesa.

⁷⁶ “vae prencepiar”.

⁷⁷ “Em fado”.

⁷⁸ “Aoditório”.

⁷⁹ Excelente?

⁸⁰ Aqui se inicia a versão do *Auto de Joseph, filho de Jacob, reconhecido por seus irmão no Egipto*, da autoria de António Cândido de Souza Vasconcellos, assim como a publicada por Azinhal Abelho (*Teatro Popular Português – Trás-os-Montes, I, Religioso*, Braga, Editora Pax, 1968,

⁷² “Dise”.

⁷³ “logal tenente”.

⁷⁴ Por “enxovia” (prisão subterrânea, escura e húmida)

Que não *aja* em meus estados
Intérpretes verdadeiros
Entre tantos agoueiros
Tantos *omens ilustrados*.

Que de tanto convocados
Para um sonho decifrar
Não se *podesse* encontrar
Um *satrapo*⁸¹ verdadeiro
Um eminente⁸² agoueiro
Que este sonho me *explicase!*

Ah, se no *Egito em contrasse*
Quem me *explicase* este sonho
Tão singular e tristonho
Fosse *elle* o mais infeliz
Dos escravos do *Paiz*
Com que ânsias o ouviria
Neste *a margorado* dia?

Oje de nada me servem
Aduladores que fervem
Em roda do trono meu
Nenhuma razão me deu
De quantos interroguei.

De que me serve ser rei
Na *prezente* ocasião
Se na minha inquietação
Não acho em todo o *Egito*
Um só adivinho⁸³ perito
Que me dê consolação!

Toda esta gala real
Que seduz na felicidade
Quanto *peza* [a] adversidade
Aumenta a amargura e o mal.

Todo o meu poder real

pp. 228-316). O texto do nosso casco coincide, *grosso modo*, a partir daqui, com a versão de Vasconcellos.

⁸¹ Esta é a forma que se pode ler na nossa versão manuscrita e também na versão dactilografada. Na fotocópia que possuímos da edição de António Cândido Vasconcellos esta palavra é de difícil leitura devido à qualidade da cópia, mas quer-nos parecer que a forma é a mesma. Em Azinhal Abelho aparece “Um será por verdadeiro”. “Sátrapa” é, como se sabe, o título dado, entre os Persas, aos antigos governadores de província.

⁸² “e minente”.

⁸³ “adbinho”.

E as insígnias⁸⁴ de respeito
Não têm conseguido ou feito
Que um ávido da real graça
Meu desejo satisfaça.

1º CORTEZÃO

Eu confesso, grande rei
Que *conselar-vos* não sei.

2º

Ai se de mim dependera
Dar-vos gosto quem me dera.

COPEIRO

Grande rei, *daime* licença.
De entrar em *vosa* presença.

FARAÓ

Entra e diz o que pretendes
Que já em nada me ofendes.

COPEIRO

Grande rei, três dias antes
Que à tua graça voltasse
Achei quem me *conselasse*
Em aflições⁸⁵ semelhantes.

Tu grande rei não te espantes
Da minha ingratidão
Porque com justa razão
Tu me terás por ingrato⁸⁶.

Ouvindo o seguinte *fato*

Eu e mais meu companheiro
Da *rial* casa padeiro
Que ambos estávamos presos
E ambos fôramos *surprezos*
Cada um *pello* seu sonho
E para um de nós bem medonho.

Tínhamos por companheiro
E amigo verdadeiro
Um mancebo de Canaam
Mancebo de vida sã
Escravo do General.

Em cuja negra enxovia⁸⁷

⁸⁴ “insegnas”

⁸⁵ “à flições”

⁸⁶ “em grato”.

⁸⁷ “em chovia”.

Vítima há⁸⁸ tempos gemia
Duma calúnia infernal.

Este mancebo que amado
Do carcereiro era até
Foi anjo que eu tive ao pé
Tendo do sonho acordado.

Eu to⁸⁹ conto alvoroçado
Por saber sua instrução
De virtude e descrição
E ele no mesmo instaste
Com carinhoso semblante
Me deu dele explicação!

Ver uma vide eu sonhara
E de três gomos que tinha
Pouco a pouco a crescer vinha
De cada um sua *bara!*

E de produzir não pára!
As *baras* dão lindo fruto
Seu excelente⁹⁰ produto
Lanço à régia⁹¹ taça então
Que tenho na minha mão
Ofrecendo este licor
A Faraó meu senhor
Com muita satisfação.

Essas⁹² varas que assim⁹³ vias
Me respondeu o mancebo
Querem dizer percebo
Que serás solto em três dias.

Ai! nas tuas alegrias
Lembra-te do teu amigo
Que agora fala contigo.

Expatriado atrozmente⁹⁴
E lançado ultimamente
Sem culpa neste jazigo.

E outro que ouvira e tinha
Este moço em grande conta
O sonho que o amedronta

⁸⁸ “a”.

⁸⁹ Deveria ser “lho”.

⁹⁰ “e celente”.

⁹¹ “a reja”.

⁹² “Esas”.

⁹³ “a sim”.

⁹⁴ “Espatriado atosmente”.

Também lhe diz mui azinha⁹⁵.

Sonhou que à cabeça tinha
Uma alcofa de manjares
Exposto às aves dos ares
Entre duas de farinha!

Essas⁹⁶ três alcofas, disse⁹⁷
Ó moço, querem dizer
Que há⁹⁸-de três dias viver
Só neste mundo infeliz⁹⁹.

E conforme¹⁰⁰ ele predisse
Tudo assim¹⁰¹ aconteceu
Chegado o prazo que deu
Destes ó rei um festim
E às minhas penas fim.

O servo que abandonaste
À cruz então *condanaste*¹⁰².
E perdoaste-me a mim.

Foi no dia dos teus anos
E dois anos já lá *bão*
E só nesta ocasião
É que me chego a lembrar
De neste moço falar
Choro minha ingratidão¹⁰³.

Se queres pois encontrar
Do teu sonho *explicação*
Manda buscar à prisão
Este moço singular.

Faraó diz ao General Potifar:

Vae do meu mando dizer
Que o solte e faça trazer
Au meu paço sem tardar
Quero esse *escrabo* escutar
Que ele em seus cárceres tem
E se *elle* me *explicar* bem

⁹⁵ Depressa.

⁹⁶ “Esas”.

⁹⁷ “dise”.

⁹⁸ “as-de”.

⁹⁹ “em feliz”.

¹⁰⁰ “com for-me”.

¹⁰¹ “a sim”.

¹⁰² Esta é igualmente a forma mirandesa (< lat. *dammare*).

¹⁰³ “engratidão”.

Este sonho tão escuro
Eu pelo meu nome juro
Não só dar-lhe a liberdade
Mas com generosidade
Pagar-lhe o serviço seu.

COPEIRO

Eu já parto, senhor meu.

COPEIRO¹⁰⁴

Senhor General
Venho enviado¹⁰⁵ do rei
E por mim te mando dizer
Que soltes a José
E que o *lebe* à presença dele.

GENERAL

Não o *abia* de soltar
Que muito me fez de *enraibecer*
Mas por mando do rei
Tenho de *óbdecer*.

Diz para os soldados:

Ide¹⁰⁶ esse *escrabo* soltar
Mas não o *deicheis* só
Ide acompanhá-lo
Até o palácio de faraó.

*Aqui se vê José na cadeia com umas cadeias nos
pés e sem capa.*

JOSÉ (*Só*)

Ó meu Deus! Sede meu *pae*
Que *pae* na terra não tenho
E deste jugo ferrenho¹⁰⁷
Minha inocência¹⁰⁸ *librae!*

A meus irmãos *perdoae*
O ódio com que me venderam
Eles, Senhor, não *souberão*
O crime que *cometião*
Por denegrados dinheiros

¹⁰⁴ Estas palavras, antes da intervenção de José, não aparecem na versão de Vasconcellos. E bem se vê, pela ortografia, que devem ter sido acrescentadas por algum “regrador”, que assim quis deixar a sua marca no texto.

¹⁰⁵ “em viado”.

¹⁰⁶ “Ede”.

¹⁰⁷ “ferrenho”.

¹⁰⁸ “nocencia”.

Venderam-me a *estranjeiros*
Que tão mal me *conbecião*.

Perdoae também aquela¹⁰⁹
Que *inda oje me flajela*
Co’o crime que me *impotou*
Porém se vítima eu sou
Desta *callunia* cruel
É só por vos ser fiel
E sofro e assim vos agrada
Seja em mim *ezecutada*
Vossa vontade divina
E em tudo o que determina¹¹⁰
Seja pra sempre adorada.

Chega o Copeiro e diz:

Inda que tarde, ó amigo,
Pude-me de ti lembrar
O rei *quer-te* consultar
E já mesmo irás *com migo*.

Franquiar-me o teu jazigo
Ouvindo a ordem real
Potifar o General
Manda em este momento
De tanto contentamento.

*Tira uma chave e com “ella” desprende as cadeias de
José, depois de que lhe compõe os cabelos e vestido
leva-o consigo.*

*Aqui se vê a sala do rei, “rodiada” de ministros e
pouco depois entra o Copeiro e José:*

COPEIRO

Eis aqui, Faraó senhor,
O grande adivinhador
Que me mandastes chamar.

FARAÓ

Bem, eu quero-o consultar.

José ajoelha e diz:

Umilhado até o pó
Eis-me aqui ó Faraó
A teu mando obediente!

Faraó levanta-o:

¹⁰⁹ “a quela”.

¹¹⁰ “de termina”.

Eu estou muito contente
Por que enfim acho no *Egito*
Um *omem* sábio e perito
Para um sonho resolver.

JOSÉ
Só Deus fará conhecer
Ao meu rei o que pretende
Deus que de mim nada depende.

FARAÓ
Um sonho há¹¹¹ pouco tive
Que em minha memória vive
Eu to vou contar, atende¹¹².

Sonhei sobre um rio estar
E as águas que corriam
Que sete vacas saíam
De *belleza* singular
E mui gordas e a pastar
No húmido campo passavam¹¹³.

Do mesmo sítio assomavam
Outras sete tão mortais
Que nunca vi outras tais
Disformes e macilentas
Esfomiadas e sedentas
Coreeram sobre as primeiras
E as *devorarão* inteiras
Ficando tão defecadas
Estas sete *deradeiras*¹¹⁴.

Despertando logo então
E tornando a adormecer¹¹⁵
Vi sete espigas nascer
De mui rara perfeição;
Mas do vento pela acção¹¹⁶

¹¹¹ “a”.

¹¹² “a tende”.

¹¹³ “Numido canpo pasavam”.

¹¹⁴ Sonho idêntico a este, em que sete vacas magras pastam num lameiro cheio de erva e sete vacas gordas se encontram num prado sem erva, é o que encontramos no conto, por nós recolhido e editado: *La maçana colorada* (ver António Bárbolo Alves (coord.), *Lhiteratura oral mirandesa: recuolha de textos an mirandés*, Porto, Granito editores, 1999). Estas relações dialógicas intertextuais e inter culturais, semioticamente muito significativas, são um campo de estudo ainda em aberto na cultura mirandesa.

¹¹⁵ “a dormecer”.

Outras sete que nasceram
Muito secas me *parceram*
E ao pé destas derradeiras
As sete espigas primeiras
Toda a *belleza* perderam.

JOSÉ
Tudo isto quer dizer
Uma só cousa, meu¹¹⁷ rei
De Deus por virtude o sei
E to faço conhecer.

Essas que viste nascer
Tão gordas vacas do rio
Falão dum tempo sadio
Que a vegetação terá.

As enchentes que haverá¹¹⁸
Do Nilo, por sete anos
E as que da fome os danos
Como dizes, te mostraram
Bem como essas que provaram
Do mau tempo *ação* molesta
Tudo te diz e atesta
Que outros sete anos virão
De *mi*¹¹⁹ triste privação
Por falta dessas enchentes
Que esquecer os precedentes
Ditosos anos farão.

Em toda a terra do *Egito*
E em toda a vizinhança
Não poderá haver¹²⁰ lembrança
Deste terrível conflito;
E essa *abondancia* que hei dito
Como absorvida será
Pela fome que virá.

Tua segunda *vizão*
Serve pra confirmação
Disto que o céu¹²¹ cumprirá¹²².

Fora louvável, senhor,
Que elegêsseis um varão

¹¹⁶ “pe ação”.

¹¹⁷ “me”.

¹¹⁸ Esta é a grafia original deste verso: “Aas em chentes que avera”.

¹¹⁹ Por “mui”.

¹²⁰ “a ver”.

¹²¹ “Çeu”.

¹²² “comprirá”.

De virtude e discrição
Para ser governador.

Em teu nome, assim dispor
Meios providenciais,
Collocando ofeciais
Nas províncias do *Egito*,
Para que antes do conflito
Nesses anos abundantes,
Que já não estão distantes,
Gozando de autoridade¹²³,
Fação, em cada cidade,
Recolher a quarta parte
Dos frutos que o céu *vae* dar-te,
Em o público *celleiro*;
Alliar o *Egito* inteiro,
Acabados os sete anos¹²⁴,
Sofrerá *orríveis* danos
Por outros tantos inteiros.

*Faraó volta-se*¹²⁵ *para os ministros e diz*:

Onde havemos¹²⁶ nós de achar
Outro homem¹²⁷ de luz tão cheio?
Foi um anjo que aqui veio
Minha alma tranquilizar¹²⁸.

Diz depois, voltando-se para José:

Se o Bom Deus te *quis* mostrar
O que nos há¹²⁹ referido
Quem mais capaz e entendido
Para tudo executar?
Quem mais capaz posso achar
Para levar a efeito
O *projéto* que tens feito,
A fim de evitar¹³⁰ o mal
Que nos ameaça fatal?

Que outro posso descobrir
Mais capaz de conseguir
O que acabas de lembrar,
Teus *conselhos* realizar
E minhas ordens *comprir*?

¹²³ “dautoridade”.

¹²⁴ “setanos”.

¹²⁵ “voltasse”.

¹²⁶ “avemos”.

¹²⁷ “omem”.

¹²⁸ “tranquillisar”.

¹²⁹ “ás”.

¹³⁰ “devitar”.

Como te chamas, mancebo,
Honra¹³¹ dos patrícios teus,
E que do *Esprito* de Deus
Estás cheio, percebo?

JOSÉ
Meu nome, ó Rei, é José,
Servo teu obediente.

FARAÓ
Desde *oje*, moço excelente,
O teu cargo grande é:
Tenho em ti¹³² tamanha fé,
Julgo-te de luz tão cheio,
Que desde *oje* te nomeio
Para meu *logar* tenente,
Por que faças livremente
Quanto julgues de razão
Na presente situação.

Ficas sendo Vice-Rei:
De meu Reino, pois bem sei
A quem tal cargo confio
Esse futuro sombrio
De fome que há-de¹³³ espantar
Trata de o remediar
Mitigando o seu rigor.

Príncipe, mordomo-mor,
Toma as tuas providências
E recebe as continências
Próprias dessa qualidade:
Só inferior à *Magestade*
Serás de todos *onrrado*,
Obedecido e adorado;
E, qual dos Reis oriundo,
Monta em meu coche segundo,
E em todo o *Egito* sê visto.
Confirmando tudo isso,
O mancebo a Deus fiel,
Meto em teu dedo este anel
E da estola te revisto.

Tira um anel do dedo e o mete num dos dedos de José, depois tira também a sua estola de linho finíssimo e o envolve com ela, e por fim um colar de ouro que traz ao pescoço e o lança ao pescoço de José. Voltando-se depois para um dos Ministros:

¹³¹ “Onra”.

¹³² “enti”

¹³³ “a-de”.

FARAÓ

Mandai logo dar pregão
Por que ao ver-se este varão
O maior¹³⁴ do meu *conselho*,
Dobrem todos o joelho
Em sinal de adoração.

Faraó, meu nome é;
Ninguém, eu to afirmo já,
Em o *Egito* moverá
Sem tua ordem um pé.

O teu nome de José
Mudareis em Salvador
Conta com o meu amor,
Por que ser justo entendo...

Cala-se um, pouco e continua...

Vice-Rei, não me arrependo
Do que tenho dito aqui:
Ainda digna de ti,
Dar-te uma esposa pretendo.

Desta sorte estabelecido
Tu no *Egito* ficarás,
E das honras¹³⁵ gozarás
Que te tenho prometido.

José curvando-se¹³⁶ diante de Faraó:

A teus pés agradecido
De novo me *prosto*, ó Rei.

Faraó, levantando-o:

FARAÓ

Junto a mim te sentarei:
Tratar-te ei como filho,
E da *magestade* o brilho¹³⁷
Comtigo repartirei.

Príncipe, mordomo-mor,
Meu Vice-Rei muito amado,
Irás deste acompanhado,
(*Apontando para o "menistro"*)

Ver de meu paço o interior.

*José baixa¹³⁸ a cabeça em sinal de reconhecimento.
Um dos "cortezãos" adianta-se para o acompanhar:*

FARAÓ

O aposento melhor
Que no palácio encontrares¹³⁹
Te dou para te *ospedares*
Até outro te escolher,
Que te faça esquecer
De teus passados *pezares*.

*José beija as mãos de Faraó e depois se retira
acompanhando do ministro. Faraó voltando-se para o
Copeiro:*

FARAÓ

Estou certo da virtude
Deste mancebo excelente
E da calúnia eminente
Eu ouvir *fallar* já pude...
E porque o crime rude
Receba o digno castigo,
Eu na indignação *prosigo*
Quem dessa causa sem par
Sabe alguma circunstância
Venha aqui sem repugnância
Contar-ma, em particular.

*Depois duma pequena pausa volta-se para os
"menistros" e diz:*

Tornai-vos¹⁴⁰ já diligentes
A vossos cargos diferentes.

*Os "menistros" fazem a vénia e retiram-se.
Toque música.*

COPEIRO

Agora, grande Faraó,
Por te contar o que sei,
Sucintamente farei,
Visto estar *com tigo* só.

Filho do pastor Jacob,
Rico pastor de Canaan
E *omem* de vida sã,

¹³⁴ "meior".

¹³⁵ "onras".

¹³⁶ "corvandose".

¹³⁷ "blilho".

¹³⁸ "baicha".

¹³⁹ "em contrares".

¹⁴⁰ "Tornaivos".

É este moço que viste,
E a quem tu revestiste
Das insígnias¹⁴¹ reais.

Tem mais dez irmãos, os quais
Por ódio que lhe *tiverão*
Tiranamente o venderam
Muito moço a um mercador,
O qual primeiro senhor
Foi mesmo o que mo contou;
Mas isto só lhe constou
Depois do escravo passar
Ao poder de Potifar
Que no *Egito* lho comprou.

Este moço singular
Na *belleza* e no seu porte,
Teve um combate mui forte
Nesta casa a sustentar.

A esposa de Potifar
Teve-lhe amor *creminoso*,
Que este jovem virtuoso
Soube de si arrojar.

Houve¹⁴² quem viu sem querer,
Todo o caso *soceder*,
E o *depoz* num tribunal
Mas ainda o general
Por certo não pôde ter
Este tal depoimento
Como eu tenho, por que sei
Quem é que *depoz*, meu Rei.

Mulher ímpia na verdade,
Enraivece-a a honestidade¹⁴³,
E *sopondo-se* ofendida
E só para se vingar
Começa logo a gritar
Contra o escravo virtuoso
Chamando-lhe *creminoso*
Em vez de a si se chamar
E a capa que *elle* cobria
Tira-lhe com raiva *impia*
Para a calúnia firmar.

FARAÓ
Não digas mais; acredito,

¹⁴¹ “insegrias”.

¹⁴² “Ouve”.

¹⁴³ “Enraivece a onestidade”.

E combina o que tens dito
Com o que a saber cheguei.
Sim eu devo como Rei
Dar ao¹⁴⁴ crime a paga sua
O processo continua,
E espero que à verdade
Seja dada claridade.

*O Rei e todos mais “retirão-se”. Toque música.
Aqui se vê a casa de Jacob aparece cercada de seus
filhos¹⁴⁵.*

[GRACIOSO]

Agora, agora é que *bae* começar
O bom do velho com a sua choradeira¹⁴⁶.

JACOB

Dezasseis anos lá vão¹⁴⁷
Que para mim séculos *forão*
Desde então meus olhos *chorão*
Sem alguma *interrupeção*.

Que grande *consulação*
O meu José não teria
Se fosse vivo *oje* em dia,
Nesta época *abondante*
Ele que um só instante
Se não achava ocioso¹⁴⁸
Antes sempre cuidadoso
Ou¹⁴⁹ pelos gados olhava
Ou nas searas se ocupava
Sem que alguma ocupação!¹⁵⁰

Ah!¹⁵¹ meus filhos, eu vos amo
Como *pae* ... sim como *pae* ...
As vossas culpas *chorae*
Como eu sempre vos clamo;
Porém sempre vos chamo
E em volta de mim vos vejo
Sinto um tão forte desejo,

¹⁴⁴ “o”.

¹⁴⁵ Esta indicação aparece riscada.

¹⁴⁶ Estas palavras, acrescentadas pelo regrador ou regrante, não são atribuídas a ninguém. Contudo, o seu tom trocista deixa entender que saíam da boca do Gracioso.

¹⁴⁷ “lavão”.

¹⁴⁸ “ancioso”.

¹⁴⁹ “Ao”.

¹⁵⁰ Nas versões de Azinhal Abelho e de António Cândido de Vasconcelos aparece ainda um outro verso no qual se lê: “Lhe tirasse a oração!”.

¹⁵¹ “A”.

De abraçar¹⁵² o filho amado
De que há¹⁵³ anos fui privado!...
E sua lembrança tão viva,
E a saudade é tão *ativa*
Que inda *oje desejaba*
Morrer a ver se encontrava
Na outra vida a José.

Meus filhos, de vós ao pé,
Ter-vos-ei injuriado
Mostrando-me tão magoado?

RUBEM
Não meu *pae*, tendes razão,
Com muita razão chorais,
E nunca será de mais
A vossa dor e aflição.

Desse virtuoso irmão
Também eu choro a desgraça!...
Ó meu *pae*, por mais que faça
De outra sorte consolar-vos¹⁵⁴,
Eu não sei nem mitigar-vos¹⁵⁵
Com razões¹⁵⁶ a vossa dor¹⁵⁷.

Só vos digo, *pae* senhor,
Que a alma do nosso¹⁵⁸ irmão
Gozará da *proteção*
E misericórdia divina:
O justo a cabeça inclina
Do céu as disposições¹⁵⁹;
Mil destas inclinações¹⁶⁰
Vós fazeis diariamente
Pois sempre obrais justamente;
Mas se o Senhor *quize* provar-vos
E o vosso filho *tirarvos*,
Rendei-vos¹⁶¹ completamente.

Vosso avô¹⁶² obediente
Seu filho ao monte levando,
E seu braço levantando

¹⁵² “Dabraçar”.

¹⁵³ “á”.

¹⁵⁴ “consularvos”.

¹⁵⁵ “mitigarvos”.

¹⁵⁶ “razois”.

¹⁵⁷ “avossador”.

¹⁵⁸ “nosso”.

¹⁵⁹ “disposições”.

¹⁶⁰ “inclinacóis”.

¹⁶¹ “Rendeivos”.

¹⁶² “avó”.

Para *ahi* o degolar,
Bem vos está a ensinar.

Como resignado deveis
Sofrer as dores cruéis;
Mas estas razões¹⁶³, no entanto,
Não condenam vosso pranto,
Antes quer Deus que choreis.

JACOB
Meu filho, se não chorasse
Talvez que minha existência
De tanta dor a *violença*¹⁶⁴
Tão longa não suportasse.

Mas este pranto que a face
Diariamente me rega
Parece que me *sosega*
De alguma sorte este peito.

E já estou tão afeito
Que ainda que a todo o custo
Tratasse de distrair
Não o podia conseguir;
E as lágrimas que derramo
Como companheiras amo,
Nem as ouso despedir¹⁶⁵.

RUBEM
As lágrimas têm-vos feito
Estragos bem¹⁶⁶ evidentes
Gravando as próprias correntes
No vosso rosto e seu leito.

Bem sei, que a *ellas* afeito,
Já vos custa a *despedil-as*,
Mas vós podeis *extinguil-as*
Ou ao menos *moderál-as*
Variando as vossas¹⁶⁷ falas.

José já teve o seu fim,
Deus o *premitiu* assim
Tratai agora do trigo,
Falae nos gados *com migo*
E chamai por *Beijamim*.

¹⁶³ “raçois”.

¹⁶⁴ Cf. mirandês “biolença”.

¹⁶⁵ “usso despediz”.

¹⁶⁶ “vem”.

¹⁶⁷ “vosas”.

JACOB

Beijamim é justamente
Quem de José me recorda¹⁶⁸,
Sempre na minha alma acorda
Uma saudade pungente:
Sim, eu amo ternamente
Este filhinho querido.

Abraça o mais “piqueno” de seus filhos, todos os irmãos se comovem e começam a limpar os olhos.

JACOB

Mas, da mesma *mae* nascido,
Sem que o tenha ao pé
Julgo estar vendo a José.

Mas enfim, a minha dor
Não faça que eu ao Senhor
Pague com ingratidão
O benefício presente.

Ide vós *allegremente*,
Uns para o trigo *segar*
Outros do gado a curar.

Agora com *Beijamim*
Orar por vós e por mim
Vou é agradecer ao céu
A abundância que nos deu;
Pois o ingrato merece
Que Deus de ampará-lo¹⁶⁹ cesse.
Já *oje* orado tereis,
Todavia não cesseis,
Mesmo em vossa ocupação
De elevar¹⁷⁰ o coração
Ao Senhor que conheceis
Oito de vós se quereis,
Adiante caminhae,
Rubem e Judas *ficae*,
Os outros dois um bocado;
Que logo que tenha orado,
Acompanhareis vosso *pae*.

Retira-se com Benjamim para o interior da barraca. Rubem e Judas ficam, o resto dos irmãos partem para outra parte.

¹⁶⁸ “merrecorda”.

¹⁶⁹ “damparal-o”.

¹⁷⁰ “Delevar”.

Gracioso andar a “escotar” atrás dos irmãos e Nafetali volta-se e diz:

NAFETALI

Que andas tu por aqui fazendo
Só andas a *estorbar*
Pois se eu não me engano
Alguma coisa lhe queres¹⁷¹ contar.

Gracioso foge e depois que se vê salvo diz:

Safa, que susto
Eu agora apanhei
Da mão de Nafetali
Só a *fujir* me *librei*.

Toque música.

RUBEM

Grande crime, crime *órrível!*
Se meu *pae*, lamenta tanto
A morte dum filho santo
Que amou sempre tão sensível!
Como será *reprehensível*,
Do Senhor aos olhos puros
Que os irmãos, cruéis e duros
Que tal crime cometido
Num modo bem mais sentido
Não chorem continuamente
Esta vítima inocente?
Incapaz de fazer mal,
Elle de inveja infernal
Foi uma vítima pura.
Por muito odiosa e dura
Que nos pintasse a *paichão*,
A singela acusação
Que a nosso *pae* foi fazer
Do que ousámos¹⁷² cometer,
Deviamos-nos lembrar
Que se nos foi a acusar¹⁷³
Era por ser bom irmão;
Temeu que, sem correção
Ficando deste pecado,
Em outro mais desastrado
Caíssemos¹⁷⁴ miseráveis,
E em penas intermináveis¹⁷⁵

¹⁷¹ “ques”.

¹⁷² “osámos”.

¹⁷³ “a cossar”.

¹⁷⁴ “Caisemos”.

¹⁷⁵ “internáveis”.

Chorássemos finalmente
Ese crime que presente
A seus olhos tinha sido.
Quem diria que um vestido
De muitas cores ornado,
Teria ainda agravado
Este ódio de seu irmão¹⁷⁶.

JUDÁ

Olha, Rubem, tuas mãos
No crime não *estam mençadas*,
Pois vendo as vistas danadas
Dos outros, para *livral-o*
Tu lembrastes o lançá-lo
Àquela velha cisterna,
Porque tendo uma alma terna
Imaginavas *livral-o*
Mais depois entregá-lo¹⁷⁷
A nosso *pae* novamente.
Quanto a mim, mais fortemente,
Eu inda devo chorar
Pois, inda que pra o livrar,
Da morte, que eu não *quix* ver,
A lembrança de o vender
Fui o primeiro que a tive.
E *esa* dor comigo vive!
Irmandade fraticida¹⁷⁸,
Como é dura a nossa vida!

Verdade é que vivendo
Temos tempo de ir¹⁷⁹ gemendo¹⁸⁰,
Pedindo ao bom Deus perdão
Da nossa péssima acção¹⁸¹;
E se culpa não tivemos
Nós os dois talvez fizemos
Menos do que nos *compria*;
Cada um de nós deveria
Gritar e opor-se deveras
Ao desígnio de tais feras¹⁸².

¹⁷⁶ Na versão de A. Vasconcellos lê-se: “de seus irmãos”.

¹⁷⁷ “entregolo”.

¹⁷⁸ Esta palavra foi corrigida, ao lado, com uma letra diferente, depois de na primeira vez ter sido escrito “fratercida”. Embora isto não ocorra muitas vezes neste texto, tal demonstra que o casco pode ter passado por várias mãos ou que, o mesmo “autor”, em momentos diferentes, o foi corrigindo.

¹⁷⁹ “dir”.

¹⁸⁰ “jemendo”.

¹⁸¹ “pesima ação”.

¹⁸² “ferras”.

Se o sonho que ultimamente
Nos contou singelamente,
Na verdade denotava
Uma glória que o *espramos*¹⁸³,
Uma alta primazia
Que no *feturo*¹⁸⁴ teria
Sobre seus irmãos mais velhos,
Quem nos sagrados conselhos
Do grande Deus pode entrar,
Nem suas decisões *frustar*!?

Se *acreditar-mos* num Deus,
Como *obestar* decretos seus?
E senão, porque matar
O nosso irmão por sonhar?

Para mim quanto é medonho,
O lembrar-me desse sonho!
Pois inda que o nosso irmão
Votamos¹⁸⁵ à escravidão,
Se Deus queria humilhar-nos¹⁸⁶,
Como havemos¹⁸⁷ de livrar-nos
Da sua poderosa mão!

Ajoelha e também seu irmão que bate no peito.

JUDÁ

Ó meu Deus, tende piedade
Da *infelicidade* nossa,
E a dor sincera nos possa
Atrair vossa amizade!

Perdoai tanta maldade
Contra vós, contra José;
E se vossa vontade é
Que sejamos *umilbados*
Sejam, Senhor, realizados
Vossos desígnios¹⁸⁸ celestes.
E se o irmão que nos destes
Não podemos adorar,
Como nos fazer reear
O sonho que nos narrou
Do Sol que o adorou
Com onze estrelas e a Lua

¹⁸³ Em A. Vasconcellos lê-se “esperava”.

¹⁸⁴ Cf. mirandês “feturo”.

¹⁸⁵ “Voltamos”.

¹⁸⁶ “omilhar-nos”.

¹⁸⁷ “avemos”.

¹⁸⁸ Esta forma também foi corrigida, vendo-se que, em certo momento, se escreveu “dizígnios”.

E se a dominação sua
Por um modo tão *orrível*
Nós tornamos impossível¹⁸⁹!
Fazei, Senhor, que sejamos
Escravos e que sirvamos
Um estranho cuja vara¹⁹⁰
Nos cubra de pejo a cara,
Pois só assim pagaremos
O crime que cometemos
Uns por o *efetuar*,
Outros por não o evitar!

Castigai-nos¹⁹¹ sem piedade
Ó Divina *Magestade*,
Quanto às penas temporais
Mas das penas eternas
Livrai nossa alma, Senhor.

Meus Deus, *livrae* deste *orror*
Estes irmãos desgraçados,
Dum negro crime manchados
Que *orroriza* a natureza!

Permiti que, com presteza,
Todos nós juntos choremos
E assim o crime expiemos;
Enfim que tudo *suframos*
Pelo muito que pecamos,
Se é preciso ser assim;
Mas não retireis de mim
E nossos irmãos desditosos
[Os vossos olhos piedosos]¹⁹².
Fazei que esse Redentor,
Que ao nosso antecessor
Abraão haveis¹⁹³ prometido,
Redima compadecido
Um dia os nossos pecados,
Que por *elle* perdoados,
Nós sejamos algum dia
E gozemos da alegria
De que *oje* somos privados.

Fazei que o velho Jacob,
A quem também enganaram
Meus irmãos quando enviaram¹⁹⁴

¹⁸⁹ “imposível”.

¹⁹⁰ Palavra também corrigida de “bara” para “vara”.

¹⁹¹ “Castigai-mos”. Cf. mirandês “castigai-mos”.

¹⁹² Este verso não consta do nosso “casco”.

¹⁹³ “aveis”.

¹⁹⁴ “em viaram”.

A seus¹⁹⁵ olhos o vestido
No sangue da *reza* tingido,
Dizendo-lhe que uma fera
Seu caro filho comera;
Que este bom *pae* algum dia
Antes de ir¹⁹⁶ à campa fria
Se esqueça desta *paichão*;
Fazei que a dura aflição
Pese então sobre mim;
Mas dai-me, Senhor, bom fim.

Rubem falando baixo.

Levantemo-nos irmão,
Que já acabou a oração
E se dirige para aqui.

Levantando-se.

Limpa teus olhos que a ti
Talvez agora escutasse¹⁹⁷
E a seus ouvidos levasse¹⁹⁸
Alguma palavra, o vento,
Deste teu longo lamento.

*Cala-se um pouco e vendo que o “pae” não chega
continua:*

Já agora querido irmão,
Sufoca tua paixão
Vamos ao campo *leval-o*
E entre nós alegrá-lo¹⁹⁹
Desviando-lhe o sentido
Sempre do filho perdido.

Enfim, nós não anuímos,
Por vontade e resistimos
Para que o pobre José,
Não fosse morto, e até
O crime aos mais exprobramos²⁰⁰
Dalguma sorte e evitamos
Que o *fratricida*²⁰¹ sem par

¹⁹⁵ “Asseus”.

¹⁹⁶ “dir”.

¹⁹⁷ “escutase”.

¹⁹⁸ “levase”.

¹⁹⁹ “alegralo”.

²⁰⁰ Na versão de A. Vasconcellos lê-se também “exprobramos” mas, na versão de Azinhal Abelho, encontramos a forma “exprovamos”.

Se chegasse a realizar.

Se ainda assim a nódoa atroz
Se estende também a nós,
Por não sermos mais constantes
E de nosso irmão amantes,
A qual junta à dos passados²⁰²
Nossos tão tristes pecados
Nos enche de luto e dor,
Não percamos o amor
A nosso²⁰³ pai, e é tratar
Sempre de o consolar.
O justo Deus ofendido,
Do nosso pranto movido,
Nos há-de²⁰⁴ enfim perdoar.

*Ouvem-se os pés de Jacob que vem chegando com
"Beijamin" pela mão.*

JACOB
Meus filhos, talvez vos fosse²⁰⁵
Custoso esperar por mim?

RUBEM
Bem longe, crede-o assim,
Nos foi, ó Jacob, mui doce.

JACOB
Ah! Eu ando à sobreposse²⁰⁶
Fazendo por distrair,
E por isso quero ir
Oje com vosco p'ra sega,
A ver se um pouco *sosiega*
A minha imaginação.

RUBEM
Vamos lá sem dilação.

JACOB
Vós andais sempre a meu lado
Para que não seja tragado

²⁰¹ Naturalmente que deveria ser "fratricídio".
Contudo, assim nos aparece igualmente nas outras
versões que vimos cotejando.

²⁰² "pasados".

²⁰³ Na nossa versão lê-se "A nos", um "erro" que
também pode ficar a dever-se à pronúncia
mirandesa, uma vez que a sibilante do possessivo
se pronuncia como um som apical surdo.

²⁰⁴ "a-de".

²⁰⁵ "fose".

²⁰⁶ "sobrepóse".

Doutra fera, o vosso irmão.

RUBEM
Não meu pai, vós do bom Deus
Gosareis sempre o abrigo.
Senhor, não, não tereis perigo
Vinde *pellos* passos meus.

JACOB
Parece que os olhos teus
Estão de há pouco chorar!
Ah! queres tu partilhar
Minha dor, minha *paichão* !

Eu sou *pae*, tu és irmão ,
E de outra mãe és nascido,
E se do irmão esquecido,
Inda o morto irmão não é
Como há-de²⁰⁷ o *pae* amante
Esquecer-se um só instante
Do seu querido José?

Levando sempre a Benjamim pela mão.

GRACIOSO
Lá vai²⁰⁸ o velho Jacob
Para o campo a segar²⁰⁹ trigo
Mas inda *elle* não sabe
Que o filho José foi vendido.

Toque música.

*Aqui se vê uma "salla", no palácio do Faraó,
adornada com ricos assentos e cortinas e no meio uma
grande mesa com ricas toalhas e muitos talheres. Vão
entrando vários indivíduos²¹⁰ da corte de Faraó, os
quais se assentam²¹¹ e vão conversando.*

1º CORTEZÃO
Que *omem* tão *afertunado*
Foi, senhores, o estrangeiro!
Quem no duro cativoiro
Lhe auguraria este estado!

2º

O rei está tão agradado

²⁰⁷ "ade".

²⁰⁸ "Lavae".

²⁰⁹ Esta é a forma que se utiliza e se conserva em
mirandês. Cf. português "ceifar".

²¹⁰ "endevidos".

²¹¹ "a sentão".

De sua rara discrição
Virtude e educação,
Que, se alguém o desprezasse²¹²
É de crer que lhe *costasse*
A vida imediatamente.

3º
Decerto, porque *atualmente*
José é um segundo Rei
E não sei se lhe farei
A mesma *onrra* ao *servil-o*
Que para o Rei é de estilo²¹³.

1º
Como seu *logar* tenente
Deve-se *onrrar igualmente*
Ao oferecer-lhe²¹⁴ os manjares
Todos os mais titulares
São inferiores agora,
Ao príncipe a quem se adora
Por um mandado real.

2º
E Asenete²¹⁵ ajoelharemos
E também a serviremos
Com *omenagem igual*?

1º
E quem duvida de tal,
Não é de José consorte?
Onrase da mesma sorte.

Eu, meus amigos sei,
Pois do que vi e julguei
Que *onrrar* os dois neste [dia]²¹⁶
É a mais *gostosa onraria*
Que nós fazemos ao rei.

Meus amigos, já ecoam
As trombetas e clarins;
Neste o *meior* dos festins
Os campos se despovoam,
Do povo as vozes *resoam*
Lá fora, ouvi, *escotae*.

(*Vozes de fora*)

Viva Faraó nosso *paé*!
Viva o seu *logar* tenente!
Viva Asenete igualmente!

GRACIOSO
Viva! Viva!

Ouvem-se cada vez mais os instrumentos e aclamações e depois entra Faraó, o qual se assenta e todas “ajoelhão”; depois entra José e Asenete, os esposos à direita e esquerda do Faraó. Ergue-se depois um dos personagens que “estavão” na sala e “vae” beijar a mão do Rei e depois a José e a sua esposa, ajoelhando novamente junta de cada um “delles”, depois de que se levanta diz:

1º
Em nome dos mais presentes
Servos do Rei obedientes
E de José, meu Senhor,
Com todo o respeito e amor
Congratular reverente
Pello consórcio excelente
Quero os felizes esposos,
Desejando que ditosos
Sejam verdadeiramente.

Também tu, ó grande rei
Que esta pompa determinas
É a teus vassallos ensinas²¹⁷
A *onrrar* a virtude e a lei;
Porque é tua vontade²¹⁸ e sei
Como é justa essa vontade,
Aceita a sinceridade
Com que todos desejamos
Os que juntos aqui estamos
Que este consórcio feliz
Que todo o *Egito* bem diz
Do céu seja abençoado,
E das *edades* cantado.
Quanto a tua *munificência*
Faz o favor da inocência
E da virtude oprimida,
Da justiça perseguida,
Do mérito e da ciência²¹⁹.

²¹² “despreza-se”.

²¹³ “destillo”.

²¹⁴ “Ao frecer-lhe”.

²¹⁵ “a Senete”. O nome que nos aparece em A. Vasconcellos é Aseneth, corrigido na versão de Azinhal Abelho para Asené.

²¹⁶ Esta forma não aparece na nossa versão.

²¹⁷ “em sinas”.

²¹⁸ “vonta”.

²¹⁹ “sciencia”.

FARAÓ

Agradeço à assembleia
Sua manifestação
Tão grata ao meu coração
Que obrar *retamente* aneia.

Faz logo sinal ao “cortezão” para que vá tomar o seu assento, e feito assim, “vae” cada um por sua vez beijar a mão a Faraó e a José, depois do que se vão sentando. As damas que até aqui estavam de pé, sentam-se também. Depois chegam ainda 6 nobres, testemunhas do consórcio, os quais fazendo uma profunda vénia ao Rei, a José e a Asenete se sentam igualmente. Pouco depois chegam servos de Faraó com iguarias, que põem sobre a mesa, e todos se levantam. O Rei, José e Asenete tomam os lugares de honra e todos os convidados se sentam depois à mesa e tem lugar no banquete; e quando aqueles dos nobres que trincham as viandas oferecem ao Rei, a José ou a Asenete se curvam primeiro respeitosamente. Chega depois o Copeiro de Faraó com um riquíssimo vaso em prata e com ele um servo trazendo uma vasilha com vinho, e ao sinal do Rei o Copeiro se aproxima, o qual lhe entrega o vaso ou taça de prata, e tomando da mão do servo a vasilha do vinho lho lança, até o Rei dizer que basta, e então Faraó diz assim:

FARAÓ

Por esta taça grandiosa
Por onde *adivinhão* os reis,
Vejo, ó esposos, que tereis
Uma união *virturosa*:
À saúde preciosa
De José e de Asenete
Cuja aliança promete
*Dambos*²²⁰ os dois a ventura
Como de prole *futura*²²¹.

Eu, Faraó, vosso Rei,
Este licor beberei,
*Crendo*²²² que neste contento
Tenha parte o ajuntamento.

JOSÉ

Eu em segundo *logar*
Quero-vos, ó Rei, saudar

²²⁰ Forma mirandesa. Cf. português “ambos”.

²²¹ Forma mirandesa. Cf. português “futura”.

²²² Por “querendo”.

Vossa *onrra* agradecendo
À vossa saúde bebendo,
E desejando vivais
Muitos anos e sejais
Do vosso *paiz* o amparo
E deste a quem sois caro.

Tendo-se levantada para fazer este brinde, vai a lançar mão de um copo que lhe fica “próximo”²²³, o que Faraó impede dizendo:

FARAÓ

Vós e a esposa bebereis
Por onde bebem os reis.

O Copeiro está sempre de pé. Faraó dá-lhe²²⁴ a taça, lança o vinho e oferece-a a José. Depois José bebe e faz uma cortesia ao Rei. Depois oferece-a a Asenete e levanta-se e faz-lhe a cortesia. O rei bebe alguma parte da taça e entrega-lha ao Copeiro. Oferece mais uma vez ao rei, o primeiro que beijou a mão a Faraó.

3º CORTESÃO

Eu vou em *logar* terceiro,
Intérprete verdadeiro,
D’assembleia agradecida
Dar-vos a *onrra* exigida²²⁵
A vós, Faraó primeiro,
Depois ao nobre estrangeiro
A quem a justiça há feito²²⁶
Sentar ao lado direito
E com quem tens repartido
O *explendor* a ti devido
Por ser só nele que achaste
Um sábio que procuraste,
Porque o mais digno o supões²²⁷
Por muito justas razões²²⁸
De ser teu *logar tenente*
Em todo o *Egito* somente.

²²³ Em mirandês, a pronúncia da sílaba intermédia desta palavra inicia-se como uma sibilante áptico-alveolar. Contudo, é também possível ouvi-la com um som fricativo, pelo que o suposto “erro” poderá corresponder a esta pronúncia.

²²⁴ A forma que nos aparece é “dale”, possivelmente por influência da forma mirandesa “le”, correspondente ao pronome pessoal objecto indirecto de terceira pessoa.

²²⁵ “exgida”.

²²⁶ “afeito”.

²²⁷ “supois”.

²²⁸ “razois”.

Na verdade, grande rei,
Que então acharias não sei
Capaz de um dia salvar
Providente vasto *Egito*
Sendo certo o que *á* predito
Dessa fome singular.

Todos nós nos comprazemos
Dessas *onrras* que lhe háis dado,
Não só por ser teu agrado
Mas por interesse que temos:
Também mil votos faremos,
Por que feliz ele seja,
Como tua alma deseje,
E a donzela virtuosa
Que lhe destes por esposa.
Ella foi digna da mão
Deste excelente varão:
Tu decerto a procuraste
Porque outra não achaste
De mais nobre condição.

Asenete “baicha” a cabeça.

Parabéns²²⁹, grande José,
Pella sorte que te coube;
Omrra ao Príncipe que soube
Ser grande e justo e que é
Da tua consorte ao pé
Goza venturosos dias;
Verdadeiras alegrias,
*Perene*²³⁰ prosperidade,
Eis o que esta sociedade
Deseja a ambos agora,
E ao Monarca a quem se adora
Com toda a fidelidade.

*José e o Rei baixam*²³¹ a cabeça a um tempo, [e todos], “incloindo” as damas, bebendo os seus copos, dizem:

Viva o Rei, viva José
E sua esposa *Asenete*.

Acabadas as “biandas”, vão os “serbos” buscar outros manjares e “ouguarias” e comidas as quais termina o banquete nupcial. Todos se levantam e

²²⁹ “Para bens”.

²³⁰ “Prene”.

²³¹ “baichao”.

José pede licença ao Rei para dar graças ao Senhor por tantos benefícios: e tendo-se ajoelhado, o Rei e Asenete fazem outro tanto e a seu exemplo toda a assembleia se prostra de joelhos; a oração dura poucos minutos e diz o Rei.

FARAÓ

Tudo quanto sobejar,
Depois de terem comido
Aqueles que têm servido,
Neste festivo jantar,
Tudo aos pobres se há-de²³² dar
Do palácio no terreiro.
Também de esmola em²³³ dinheiro
Terão depois jantarem
Os que aí²³⁴ se apresentarem.
Quanto a vós, que pra o festim
Muito contente convidei,
Meu *pallacio* percorrei
Ou dirigi-vos ao jardim.

Os convidados inclinam-se um a um diante de Faraó, de José e de Asenete vão saindo do salão e tendo também saído o Copeiro e os servos fica o Rei só com José e Asenete e suas damas e tendo-se sentado diz.

Toque música.

Asenta-te junto a mim,
Vice-Rei *por quanto* agora
De falarmos é boa *ora*.

*Diz para Asenete*²³⁵.

E se isso vos dá alegria,
Das damas na companhia
Ide senhora a passeio
Da floresta *pello* meio
Ou dirigi-vos ao mirante
Do palácio que é brilhante
No lindo quadro que oferece,
Ou se mais vos apetece
Descançae mais algum momento.

²³² “a-de”.

²³³ “desmolla em”. Na versão lê-se de A. Vasconcellos, lê-se “um”.

²³⁴ “ahi”.

²³⁵ A forma que nos aparece na nossa versão é “prasetete” bem demonstrativa do pouco grau de instrução de quem a escreveu mas também, eventualmente, da possibilidade de ele ter escrito o casco a partir de uma narrativa oral.

Buscae o vosso aposento
No fim desse corredor
Que está com todo o esplendor
Para vós só destinado.

Se porém do vosso agrado
É *demorarvos* aqui,
Sentai-vos, Princesa aí²³⁶,
Junto das damas e esperai
E com *ellas com versae*,
Em quanto com vosso esposo,
Um negócio poderoso
Tenho agora de tratar.

Asenete “baicha” a cabeça ao rei.

ASENETE
Escolho *em tão* Senhor,
Se me fazeis o favor,
Aqui um pouco ficar
Pois sobre a comida o ar
Alguma vez me molesta.

FARAÓ
Muito bem, o dia é de festa
Contentamente o passai.

*Asenete senta-se junto das damas enquanto
Faraó “combersa” com José.*

GRACIOSO²³⁷
Oje é dia de festa
Para os da sorte fadada
Para mim é dia amargo
Ai de mim, não comi nada.

FARAÓ
Eu já passei ordem
Para esmola dar
Pois se tu tens fome
Não te *benbas* cá *queichar*.

José pega numa moeda e “dala” ao Gracioso.

JOSÉ
Pega lá esta esmola

Para tomares algum alimento
Para que gozes também
Do meu dito casamento.

GRACIOSO *saltando de contente*:
Ó que bom pode ser
Este príncipe Rei de agora
Inda eu não tinha pedido
E já me *estaba* a dar esmola.

Toque música.

FARAÓ
Vice-Rei, e amigo meu,
Desejo ter-te a meu lado
E em tudo regulado
Ser *pello* conselho teu.

Porém, essa que te deu
O sumo Deus a antever,
Essa colheita abundante
Que anteviste mediante
A narração do meu sonho,
Ese tempo tão risonho
Que *ade* sete anos durar,
Começa a principiar,
E em toda a parte do *Egito*
Se ergue um jubiloso grito
De agradecimento ao céu
Pelos bons frutos que deu,
Pella abundância do trigo
Que inda o *omem* mais antigo,
Se não recorda de *ber*,
De tal modo florescer
O alimento principal,
Como neste ano *atual*.
Eis as novas meu querido
Que *oje* tenho recebido,
De toda a parte em geral.

JOSÉ
Em vista do que dizeis
Espero determeineis
De mim agora, senhor:
Ou com o *meior* amor
Me preste a partir já, já,
E vossa Alteza dirá,
Meu Rei, o mais que quiser.

FARAÓ
Tu e mais tua *molher*

²³⁶ “ahi”.

²³⁷ Toda esta intervenção do Gracioso não se encontra, naturalmente, na versão de A. Vasconcellos. Nela se plasma, uma vez mais, toda a simplicidade e a pureza da linguagem popular.

Podeis partir pra semana,
Porque da festa soberana
Que deve durar três dias
Terminem as alegrias.

JOSÉ

Agradeço-vos meu rei,
Nem agradecer-vos sei
Tantas graças que recebo;
Mas como a urgência percebo,
E *rosa* justa *anciadade*
E eu mesmo a brevidade
Neste negócio vos peço,
Quanto grato me confesso
Pela *onra* que me dais,
Digo que muito bem obrais
Se neste presente ensejo
Suspenderdes o festejo
E ordenardes que depressa²³⁸
D'abundância que começa
Comece um quinto a tirar-se²³⁹
E antes do trigo segar-se
Ponhais, senhor, em *ação*
Minha recomendação.

Sim meu Rei, se vós quereis
Parto amanhã, não tardeis
Já em providenciar,
E quando a fome chegar
O *resoltado* vereis.

FARAÓ

Pois bem, Vice-Rei amado,
Parte, como estás dizendo,
E tua esposa, querendo,
Que vá também ao teu lado;
Levareis um grande estado
Pra assim *acreditars*
Aonde quer que chegares
Como enviado do Rei.

Uma escolta te darei
De tropa da mais luzida.

Vae meu filho e recolhida
Faz com que seja *depressa*
Da colheita que começa
A quinta parte aos celeiros.

Logo nos povos primeiros,
Bem como fores chegando,
Vae oficiais *nomiando*,
Provendo nestes *logares*
Os que mais dignos julgares
Para esta execução.
Vae, faz-te obedecido;
Tudo o mais, José querido,
Deicho à tua discricção.

Por *oje* vamos ainda
Ao jardim algum momento
Gosar dos *divirtimentos*,
Que ao festejo porão fim.

Toque música.

Aqui se vê um jardim com alguns pares a dançar por um pouco de tempo.

GRACIOSO

Viva o rei, viva José
Viva Asenete *egualmente*.

Todos os grandes da corte “ajoelhão” diante do Rei e de José e de Asenete e “pasiando” pelo jardim e diz para os dois esposos:

Que vos parece o jardim
Neste dia de prazer?

ASENETE

Mais belo não pode ser
Nem mais rico, quanto a mim.

FARAÓ

Para amanhã, destinada
Estava a função melhor
Jogos de escala maior²⁴⁰,
No terreiro e cavallhada.

Mas fica assim terminada,
Visto que assim o julgais
Esta festa e nunca mais,
Talvez de tanta alegria
Terei na terra outro dia.

ASENETE

Também eu, real Senhor,
Vos agradeço o *fabor*
Tão grande que me fizestes

²³⁸ “de presa”.

²³⁹ “atirar-se”.

²⁴⁰ “descala melhor”.

Quando esposa me elegestes
Deste Príncipe que amais:
E no meio de honras²⁴¹ *taes*
Como as que *oje* me fazeis,
Onras mais próprias dos reis
Do que de mim certamente;
A Deus louvo inteiramente
A cada instante por ver
Que, quando lhe agrada e quer,
Os Reis aos pobres *eguala*
E cobre de régia gala²⁴²
A uma *umilde molber*.

FARAÓ

Achais vós alguma graça
Do povo os *devertimentos*?

JOSÉ

Sim, meu Rei, nestes momentos
Como que esquece a desgraça.

FARAÓ

Mas tudo na terra passa,
E isto passa também.

JOSÉ

Que o pensemos é bem
Para que acabando a alegria
E vindo a mágoa sombria
[E os trabalhos e as dores]²⁴³,
Partilha dos pecadores,
Nos não sejam tão estranhos.

Meu rei, obséquios tão estranhos
Esquecer a lei da morte
E dos bons e maus a sorte
Não me fazem um instante.

FARAÓ

Sê, ó príncipe, constante,
Em teus *retos* sentimentos
Até os finais momentos,
E faz que tua esposa,
Que já julgo virtuosa,
Seja uma *mae* excelente
Solícita e previdente,

²⁴¹ “donras”.

²⁴² “régia galla”.

²⁴³ Este verso não se encontra na nossa versão cuja linha se encontra em branco. Copiamos-lo de A. Vasconcellos.

Que teus cuidados secunde.

Deus que nas almas infunde
Toda a luz, toda a ciência²⁴⁴
Vos dê tanta inteligência
Neste ponto, que excedais
Os mais excelentes pais.

Toque música.

Tudo isto têm dito os três interlocutores lançando de vez em quando os olhos para o povo que se diverte e enquanto os “cortezanos”²⁴⁵ passeiam a pequena distância.

GRACIOSO²⁴⁶

[...]

COPEIRO

Senhor, neste mesmo²⁴⁷ instante
Revelação importante
Eu tenho que vos fazer.

FARAÓ

Creio que podeis dizer
Inda que segredo seja.

COPEIRO

Essa *molber* malfazeja
Em que *á* tempo falastes
Sobre o crime que indagastes.

FARAÓ

A esposa de Putifar?

COPEIRO

Sim, meu Rei, vem de expirar²⁴⁸.

²⁴⁴ “sciência”.

²⁴⁵ Cf. mirandês “cortezanos”.

²⁴⁶ Nesta intervenção do Gracioso as linhas seguintes aparecem em branco. Tal pode suceder porque o “regra” se esqueceu de a escrever ou, simplesmente, porque é dada liberdade ao personagem para criar o seu próprio texto. De igual modo, ao contrário do que acontece com a versão de Azinhal Abelho, também não nos aparecem as palavras que a Mulher do General dirige ao Copeiro, confessando o seu pecado e arrependimento. Aqui, tal como na versão de A. Vasconcellos o Copeiro fala directamente com o Faraó.

²⁴⁷ Nesta palavra apenas se lê “me”.

²⁴⁸ “dexpirar”.

FARAÓ
Expirou! Ó desgraçada
Caluniadora! Expirou?

COPEIRO
Sim, meu Rei, mas confessou
Seu crime publicamente.

FARAÓ
Bem se pode ultimamente
Desdizer-se, qual devia,
Talvez lhe perdoaria
Deus do Céu, piedoso pai
Também tu *oje* perdoas
A ofensa à tua pessoa?

JOSÉ
Ah! Que me dizes, meu Rei?
Eu sempre perdoei.

FARAÓ *voltando-se para um aos “menistros”*:

Bem, toda esta causa acabou
Todo o processo queimai²⁴⁹;
Pois a confissão da ré
Bem *desagrada* a José.

Voltando-se para os dois esposos:

A fresca vai aumentar
Será melhor retirar.

Visto que partir quereis,
Vede quando resolveis
Vossa jornada fazer.

JOSÉ
Amanhã ao amanhecer.

FARAÓ
Pois *intão*, José querido,
Eu fico já despedido,
Que a saúde me reclama
Algumas *oras* de cama.
Oje mais do que o ordinário,
O sustento *necesario*
Já *oje* tenho tomado
Todo o trabalho findado
Tenho por *oje* e assim
Dize o que queres de mim.

²⁴⁹ “caimai”.

Ou antes providencia
Oje mesmo antes da ceia
Tudo quanto for mister
Para a digressão fazer.

Aí²⁵⁰ tens os servos meus:
E até voltar, adeus²⁵¹,
Que me quero recolher.

*José e Asenete “ajoelhão” e beijam a mão de Faraó,
que os despede com todo o agrado, e todos se recolhem.
Toque música.
Aparece Jacob e seu filho Benjamim sentado à porta.*

JACOB
Mas, meu filho, que querias
Dizer dum sonho há²⁵² bocado?
Eu estava em tal estado,
Que nem soube o que *dezi*as.
Ah! no resto dos meus dias
Louvo a Deus bom e clemente
Que se um filho *obdiente*
Me tirou, outro me deu,
Que nunca penas me deu,
Para ser meu companheiro
Neste tempo derradeiro.

Tal és tu, meu filho querido²⁵³
Parece que as minhas penas
São menos ou mais *piquenas*
Sempre que estás ao meu lado.

Porém de todo acabado
Minha saudade²⁵⁴ não tem;
Às vezes tão forte vem
Que me deixa aniquilado.

Eu estava nesse estado
Pouco depois de dormir,
Quando te ouvi proferir,
Certas palavras *trocadas*²⁵⁵

²⁵⁰ “Ahi”.

²⁵¹ “a Deus”.

²⁵² “ã”.

²⁵³ Em A. Vasconcellos lê-se “amado”, o que se compreende, pela rima.

²⁵⁴ Na nossa versão, certamente por lapso, lê-se “saúde”, deixando a quadra de fazer muito sentido.

²⁵⁵ Em A. Vasconcellos lê-se “truncadas”, forma actualizada por Azinhal Abelho para “truncadas”. O nosso “autor”, possivelmente por desconhecer a palavra, escreveu “trocadas”.

A custo agora lembradas.

Ah! José! Filho querido
Pomba *inucente* e sem fel
Onde estás, filho fiel?

Como quem delira.

Não ouves o meu *jemido*!
Estás de teu *pae* esquecido?

Benjamim lançando as mãos ao colo de seu “pae”.

Meu *pae*, meu *pae*, que dizeis?
Caso de mim não fazeis?
Eu sou *Bejjamin*, olhai;
Não vos aflijais meu *pae*.

JACOB
É verdade, tem *paciença*,
Não te ofendas, filho, não;
Doutra *idade* esta *paichão*
Não me fez tanta *violença*.

Mas agora a desfalência
Da natureza eu padeço.
E delirante pareço
Quando penso em cousas tristes,
Tal como agora me vistes.

Abraça seu filho com muita ternura.

Tu és como um espelho
Do meu amado José.
Elle diferente só é ...
Ou só era em ser mais velho.

Eu fui que dei o conselho
De que ele fosse *precurar*²⁵⁶
Seus irmãos que a apascentar
O gado em *Sechem* se achavam,
Menos tu, teus pés não *estavão*
Inda para viajar ...
Tu eras muito criança,
E então não te *deichei* ir;
Foi só, não tornou a vir ...

BENJAMIM
Perdei daí²⁵⁷ a lembrança.

²⁵⁶ Forma mirandesa.
²⁵⁷ “dahi”.

JACOB
Não posso; nunca se *cança*
Deste assunto o pensamento...

BENJAMIM
Ao menos, por um momento,
Vossa²⁵⁸ conversa mudai²⁵⁹,
Noutra coisa me falai:
Se me tendes amizade
Fazei-me nisto a *bontade*,
Meu atribulado *pae*.

JACOB
Sim, meu filho, mas queria
Perguntar-te tão somente
O que era ultimamente
Que perguntares *parcia*?

BENJAMIM
Querido pai, eu *dezja*
Qual tinha sido esse sonho
De que Rubem muito tristonho
Falar há tempos²⁶⁰ ouvia.

JACOB
Quando foi?

BENJAMIM
Foi em um dia
Que fomos para a oração,
E ouvi com distinção
Palabras que não sei bem;
Se seriam de Rubem
Se de Judas, sei somente,
Que falavam tristemente
De José e mais dum sonho.

JACOB
Eu disse ao *fato* te ponho
Apesar de os não ouvir:
Se haviam²⁶¹ de referir
A *dous*²⁶² sonhos que tivera
Ese a quem levou a fera.

Ele sonhou que no campo

²⁵⁸ “Vosa”.
²⁵⁹ “modai”.
²⁶⁰ “atempos”.
²⁶¹ “aviam”.
²⁶² “Cf. mirandês “dous”.

Com os irmãos na *sega* estando,
E o feixe que suas mãos
Ajuntara em férteis chãos
Elevar-se *alli parvia*
E adoração recebia
Dos *feiches* de seus irmãos.

Este memorável sonho,
Para mim sempre tristonho,
Logo aos irmãos o contou,
E como que lhes causou
Um sentimento de inveja²⁶³.

Outra vez sonhou que era
De onze²⁶⁴ estrelas adorado,
Sol e lua foi narrado
Tal sonho com voz *sicera*.

Em tendi então que era
Este filho meu amado
Para grandes coisas guardado
Porém, levou-mo uma fera.

Sim, uma fera o levou,
Mil vezes to *ei* contado
Como eu fiquei consternado
Quando a notícia chegou!

BENJAMIM

Sim, meu *pae*, eu certo estou
Da grandeza dessa dor²⁶⁵;
Porém *fazeime* o *favor*
De agora²⁶⁶ *modar* de assunto.

Outra cousa vos *pregunto*:
Vistes vós na vossa infância
Anos de tanta abundância,
E seguidos como agora?

JACOB

Não meu filho, muito embora
Eu diga isto a *jemer*,
Não posso desconhecer
Esse *favor* que ao bom Deus
Devemos nós, filhos seus.

Eu o louvo, ó Benjamim,

No meio da minha dor:
Bendito seja o Senhor!
Seja de todos amado,
Das gerações adorado,
Dos povos todos da terra!
Quer nos *orroros* da guerra,
Seja na paz na *duçura*,
Quer nos anos da fartura,
Quer da fome, nos *orroros*,
Devemos sempre louvores
Ao nosso pai enviar;
Pois não podemos entrar
Nas altíssimas razões²⁶⁷
Das suas disposições²⁶⁸;
Se bem que nós entendemos
Que as penas sempre as merecemos,
E as consolações²⁶⁹ que Deus
Dá na terra aos filhos seus,
Inda que ingratos e duros,
São testemunhos bem puros
Da sua benevolência,
Que com alta sapiência
Nos *mortefica* e consola.
Em quanto tão grande esmola
Tão sensível recebemos
Desta *abondança* que vemos
Era em nós crime dobrado
Se a um *pae* tão desvelado
O louvor nos esquecia;
Quanto *elle* representaria
Esse descuido malvado!

Quero, meu filho dizer,
Que não devemos somente
Louvar este *pae* clemente
Porque nos dá de comer;
Alegres *ao* a gemer,
Ricos *ao necessitados*,
Ou cegos ou *illustrados*,
Ou com saúde ou com dores;
Demos-lhe sempre louvores;
Mas se tanto desejamos
A abundância e a encontramos
Mandada por sua mão,
Por este novo favor
[Bendigamos o Senhor]²⁷⁰

²⁶³ “dinveja”.

²⁶⁴ “Donze”.

²⁶⁵ “desador”.

²⁶⁶ “Dagora”.

²⁶⁷ “razois”.

²⁶⁸ “disposicois”.

²⁶⁹ “consolaçois”.

²⁷⁰ Este verso também não se encontra na nossa versão, é acrescentado a partir de A. Vasconcellos.

Com uma nova oração.

Vae buscar neste momento,
Esse *senoro* instrumento
Que no campo te distrai
E acomodando os sons seus
Ao meu canto, louva a Deus
Acompanhando teu *pae*.

Benjamim corre a buscar um instrumento de cordas que tem dentro da tenda, e vindo com ele se senta outra vez junto de Jacob, o qual com voz trêmula, mas sonora canta este improviso em tom mavioso e terno:

Meu Deus, louvar-vos desejo
Por este grande favor
Mas não sei como enviar-vos
Expressões dignas, Senhor.

Bendita, meu Deus bendita
Seja a bondade²⁷¹ que usais,
Com os tristes pecadores
A quem vida desejais.

Vós *daes* a vida da alma
Também do corpo a dais vós
De vós *veem* todos os bens
E só miséria *á* em nós.

Meu Deus louvar-vos desejo
Pellos bens que à terra dais,
Dos vossos servos para sempre
Bendito, Senhor, sejais.

Ah! *Permeti* que a abundância
Da pátria eterna vejamos
Que o benefício *gosemos*
Do redentor que *espramos*.

Bendita, Senhor bendita
Seja a vossa paciência
Fazei que o fruto vejamos
Da vossa eterna clemência.

Fazei que um dia a meus pais
E mais família reunida
Eu goze outra vez da vista
Daquele filho querido.

Depois disto ajoelha e fica por alguns tempo nesta posição e com as mãos levantadas. Depois torna-se a sentar. Benjamim poussa o instrumento junto de si e diz:

BENJAMIM

Vossa voz prazer me *á* feito
Ainda que já sem vigor,
Quando vos ouço, senhor,
Ainda se alegra o meu peito;
Também de Deus será aceito
Certamente o vosso canto
Que assim me consola tanto;
Elle a alma eleva aos céus
E para com o bom Deus
Enche de respeito santo.

Tratai de vos alegrar
Que ainda *aveis* de ser feliz.

JACOB

Filhinho, quem assim diz
É só por me *consular*;
Ah! Que mais posso eu esperar,
Nesta terra *da margura*,
Tão perto de sepultura?
Nem desejo na verdade
Na terra mais felicidade
Somente, ó filho, eu queria
Em a minha companhia
A ti e ao perdido irmão
E aos mais, no seio *d’Abrão*,
Ver-vos reunidos um dia.

Vamos, meu filho, agora
Tratar dalgum alimento,
Pois daqui por um momento
Chegão teus irmãos de fora.

Vão para dentro. Toque música.

Aqui se vê Rubem e mais oito irmãos num campo onde estão sentados com um rebanho ao pé de si.

NAFETALI²⁷²

Orrível crime!

Quem há-de²⁷³ mais da memória perder-te?

²⁷¹ “abonda”.

²⁷² Na versão de A. Vasconcellos estes nomes aparecem apenas como “Um dos irmãos”, “O primeiro que falou”, “Outro”...

²⁷³ “ade”.

RUBEM
Sirva para converter-te
O *oror* da *nosa* maldade.

ZABELOM
Pobre José! Tua bondade
Foi a causa tão somente
De tão bárbara e atrozmente
Te vendermos a estrangeiros
Por esses trinta dinheiros!

GADE
Que grande foi meu delito!
Eu no sangue do cabrito
Fui o que os vestidos tingi
E que ao *pae* os remeti,
Mandando-lhe então dizer
Que acabava de morrer
Por uma fera tragado,
Aquele filho amado
Que ele junto a nós mandara!

LEVI
E se Rubem não obstará
Matal-o era o nosso intento!
Foi Rubem nesse momento
Como o crime ali justássemos
Quem disse que não *menchássemos*
No seu sangue as nossas mãos,
Porque enfim sempre era irmão!

DAM
Eu fui que disse: *ó orror!*
“*Aí*²⁷⁴ vem o sonhador
Que espera que o adoremos.
Agarremol-o e o *matemos*,
E veremos se ainda assim
O espera essa *onrra em fim.*” (*chora*)

RUBEM
Quando eu disse que o lançásseis
À cisterna e o não matásseis,
Era para depois lá ir,
Quando vos visse sair
E *restituil-o* a seu *pae*.

DAM
Chorai, ó irmãos, *chorae*,
Porque se *abi* o *deichassemos*
Talvez que *oje* não provássemos

Dores que não compreendíamos,
Porque depois não havíamos²⁷⁵
Tornar a caçá-lo²⁷⁶ à mão,
E nunca o nosso irmão
Ao mercador venderíamos (*limpa os albos*)
Vós todos chorai, *chorae*,
Que aqui²⁷⁷ não vê nosso *pae*
Nem nos ouve Benjamim.

“*Ajoelhão*” todos e batem nos peitos.

RUBEM
Perdão ao Senhor *rogae*,
Cuja bondade ofendemos
No crime que cometemos;
Uns pelo mal meditar
Outros por não o evitar
Todos na nódoa *incoremos*.

“*Tornão*” a sentar-se.

NAFETALI
Quanto a mim ainda lhe tinha
Ódio mais particular,
Por ir ao *pae acosar*
Nosso crime muito asinha:
Desde então, sempre que vinha
Ter *com migo* o meu regalo
Era logo ali matá-lo.
Perdoae a culpa minha,
Ó Deus do Céu, perdoai!

RUBEM
Vossos olhos *enxugae*,
E vamos à tenda já,
Que neste momento está
Esperando por nós o *pae*.

Toque música. Vão-se.
Aqui se vê Faraó com dois “menistros”.

FARAÓ
Sete anos já são passados²⁷⁸

²⁷⁵ “aviamos”.

²⁷⁶ “caçalo”.

²⁷⁷ “Quaqui”.

²⁷⁸ Como se pode constatar, no Teatro Popular não existe unidade de tempo. Tudo se move num universo onde as fronteiras entre fantástico e o real se desvanecem e onde não se pode falar de unidade de lugar nem de tempo. Anos e anos sucedem-se em poucos segundos.

²⁷⁴ “Ahí”.

Em que o pão tanto abundou,
E agora vendo estou
Que os da fome são chegados.

Dos nossos vários estados
Provinciais que se diz?
A novidade feliz
Neste ano será também?

1º MINISTRO

Meu senhor, chegado têm
Notícias mui desgostantes
Não só das terras distantes
Como das terras vizinhas
As searas estão sequinhas
E tudo a seca *consome*,
E todos temem a fome
É o que se ouve contar
E assim fazem constar
Circonspectos comissários
Dos nossos distritos vários,
Que *oje* mesmo *vierão*
E providência esperam
De vós, augusto senhor.

FARAÓ

Ide dizer-lhes que o *orror*
Meus povos não sentirão
Como outros que a precaução
Não *tiverão* de guardar
Algum pão, por ignorar
Que *atraz* da grande fartura
Seguir-se-ia a fome dura!
E que somente a nós coube
Ter um mancebo que soube
Um meu sonho decifrar,
E isto tudo anunciar.

E que assim *nelle* confiem,
E que quando principiem
A sentir da seca efeitos,
Venham logo aqui direitos
Ou ordens esperem lá,
Pois esse trigo que está
Nos celeiros recolhido,
Gradualmente repartido
Por ordem sua será!

Toque música.

*O ministro*²⁷⁹ *vai com a resposta e o Rei sai por outra porta.*

GRACIOSO

Agora, agora é que *bai* chegar
O melhor da comédia²⁸⁰
Há-de vir buscar²⁸¹ o pão
Quem o precisar do comer.

Aqui se vê outra “salla” e nela José, sua esposa e dois filhos, Efraim de 4 anos e Manasés de 5, todos conversando.

JOSÉ

Quando *á* anos, pelo Verão
Para as províncias partimos
Logo apenas contraímos
A conjugal união,
A nossa disposição
De saúde era *difrente*,
Por isso sem incidente
Se fez então a jornada;
Oje encontras-te enfadada
E eu mesmo, presentemente,
O atender a tanta *jente*
Faz-me sentir minha esteira
De bem diferente maneira.

Mas vendido e escorraçado
E num cárcere encerrado
Se eu *souve* louvar a Deus
Como aprendi dos pais meus
Se sendo livre o louvei
E na presença do Rei
E junto de ti, senhora,
Também por certo agora
Mil louvores lhe darei.

ASENETE

Também eu rendo gostosa
Por tudo o que determina
À providência divina
Omenagem fervorosa.

Essa vida cuidadosa,

²⁷⁹ Na nossa versão esta palavra aparece incompleta, lendo-se apenas “menis”.

²⁸⁰ “Comédia” é uma das designações populares para estas representações, independentemente do seu conteúdo temático.

²⁸¹ “adem bir boscar”.

Que o céu agora me dá
Muito feliz me fará
Se os meus deveres *comprir*.

EFRAIM E MANASSÉS
Minha mãe, havemos de ir²⁸²
Oje ao campo *passiar*?

ASENETE
Se o tempo nos der *logar*
Mas alguém temos *douvir*
Agora que sinto os pés
Abre a porta, Manassés.

[*Entra um pajem e diz*]:²⁸³

PAGEM
Manda-vos o Rei dizer
Que já entram a correr
Nacionais e estranhos
Porque os preços são tamanhos
Em toda²⁸⁴ a parte do pão
Que está tudo em aflição.

Como previstes, senhor;
E que com todo o amor
Deis desde já providências
Pois se assim vêm já pedintes
Que fará nos anos seguintes!

JOSÉ
A meu senhor o meu rei
Da minha parte disse
Que já, já que sem demorar
Vou tudo isso regular
E já agora *sabirei*.

ASENETE
E eu vos acompanharei.

EFRAIM E MANASSÉS
Nós não *avemos* de ficar.

“Saem” todos.

GRACIOSO
Os meninos são engraçados

Querem o *pae* acompanhar
E que Asenete é boa mãe
Que os sabe educar.

Toque música.
Aqui se vê a sala do palácio de Faraó e dois
“pagens”.

FARAÓ
Há²⁸⁵ já dois meses *compridos*
Estamos o povo atendendo
Que será a fome crescendo
Nos *países* desprovidos?

Em fim, serão repartidos
Os nossos pães enceleirados
Por todos os desgraçados
Que *au Egito* se chegarem
Para da fome escaparem.

Chega um “pagem” e diz:

Senhor, chega um *estranjeiro*
Co' uma bolsa de dinheiro
Mandado a comprar pão
Pela sua povoação,
E pergunta a como ele é.

FARAÓ
Diz-lhe que busque a José²⁸⁶.

O “pagem” vai-se e o rei continua.

Eu fico bem descansado
Em o seu zelo e cuidado
E na sua discrição:
Se não fosse este *barão*
Ai do *Egito* o que seria,
Se quem previsse não *avia*
Tamanha desolação!

Chega outro “pagem” e diz:

Senhor; estão ali fora
Uma mãe com três meninos,
Dous deles mui pequeninos,
E um deles com fome chora.

²⁸² “avemos dir”.

²⁸³ Esta didascália também não se encontra no nosso casco. É de A. Vasconcellos.

²⁸⁴ “Entoda”.

²⁸⁵ “A”.

²⁸⁶ Esta intervenção do Faraó também não se encontra no nosso casco. É de A. Vasconcellos

FARAÓ

Não mandeis ninguém embora
Mas tudo a José mandai,
Que qual terníssimo pai
Fará o bem que *poder*
A todo o que aqui vier.

Por ora, inda ele não disse
Que ninguém se *despedise*,
Nem teme sua conta errar
E que o pão venha a faltar,
D'elle confiança *ei* feito,
E o que fizer está bem feito
Ide pois *guiala* já
Ao salão onde *elle* está.

O “*pagem*” *faz uma “cortezia” e vai-se.*

FARAÓ

Se não tomo expediente
De tudo a José mandar
Não poderia cuidar
De mais nada certamente.

Vossos cargos *egualmente*
Não podereis preencher
Estando o povo a atender.

Quem diria que um cativo
Era o *omem* mais *ativo*
Para tudo regular
Nesta época singular?

1º MENISTRO

E como é caritativo
É de crer que não vá ninguém
Sem o pão que pedir vem,
Que a caridade é engenhosa.

Porém tão *prodegiosa*
Porção de *jente* virá
Que o trigo não chegará.

1º PAGEM

Senhor, está no terreiro
Um viandante *estranjeiro*
C'uma besta *caregada*
De dinheiro e *esfomiada*,
A pontos que quando entrou
Logo em terra se deitou.

FARAÓ

Dize a todos os mais *pagens*
Que não quero *eguais* mensagens
Receber mais neste dia;
Pois decerto não devia
Tendo em quem *descaçar*
Tudo o mais abandonar,
Em viem tudo a José
Que o encarregado é
De nesses pontos cuidar.

GRACIOSO

Deicha-me ir lá também
A *ber* se comigo repartem
Algum trigo do celeiro
Para eu comer à parte.

Eu dinheiro não tenho
Fiado não mo darão
Mas eu levo o meu saco
Para que mo *enchão* de pão.

Toque música.

Aqui se vê um salão onde José está para atender ao povo que chega, tendo a seu lado um mordomo e vários oficiais ou “pagens” do rei.

Jacob manda a comprar pão ao “Egito” por seus filhos.

JACOB²⁸⁷

Meus filhos
Conta-se que no *Egito* há arte
De muito pão enceleirar
Para quem *bá* pedir
E quem quiser comprar.

Ide vós alegremente
Ao *Egito* por precisão
Pois temos em nossa casa
Necessidade de pão.

Pegae lá dinheiro, meus filhos
Para a compra do pão fazer
Queira Deus que *tenbades* saúde
Para a *bossa* viagem fazer.

²⁸⁷ Esta intervenção de Jacob não se encontra na versão de A. Vasconcellos, sendo certamente um acrescento do *regrador* mirandês. Isso está bem visível quer na linguagem quer na ortografia.

José falando para estes:

Sempre d'hoje por diante,
Para evitar confusão
Quero prestar atenção
A cada um suplicante,
Dos outros todos distante
Porque quero em separado
Que *elle* seja *interogado*
Para saber se é verdade
O haver²⁸⁸ necessidade
Em sua terra de pão.

Quando, porém, ao portão
Chegue uma família inteira,
E toda *ella* subir queira
Podeila *deichar* subir
E à minha presença vir;
Assim o pede a decência²⁸⁹;
A toda darei audiência²⁹⁰
A toda *ella* *ei-de* ouvir.

Ide pois ver se alguém
De novo à porta *a* chegou:
Seja primeiro chamado
O que mais esperado tem.

O “*pagem*” “*vae*” e volta pouco depois:

PAGEM

Que estão lá fora, sapei
Dez robustos aldeões²⁹¹
Que no traje são irmãos,
A todos chamá-los-ei²⁹²?

JOSÉ

Vai chamar como ordenei,
Os que *á* mais tempo estiverem,
Sendo *elles*, se te disserem
Que são irmãos na verdade,
Chama-os cá com brevidade.

O “*pagem*” “*vae*” e *diç*:²⁹³

²⁸⁸ “aver”.

²⁸⁹ “descencia”.

²⁹⁰ “audencia”.

²⁹¹ “aldeoens”.

²⁹² “chamalos-ei”.

²⁹³ Este curto diálogo não se encontra na versão de A. Vasconcellos. Trata-se, possivelmente, de mais um acrescento de um *regrador*.

1° *PAGEM*

Vós sois irmãos?

Respondem todos:

Sim senhor.

1° *PAGEM*

Tenhão a bondade de entrar.

Os irmãos desde que vêem a José adoram-no de joelhos. Diz José depois “baicho”:

Que vejo! Enganar-me-ei?
Ah, não... são *elles* bem sei,
Oh! Meu Deus! São eles são.
E eles não me conhecem
Que fariam se soubessem
Que *oje* o joelho dobraram
Diante do que *tratarão*
Tão mal *á* vinte três anos!

Oh! Meu Deus! São! São meus manos!

Levantaivos estrangeiros.

Que vindes vós forasteiros²⁹⁴

Fazer à terra do *Egito*?

Um dos irmãos:

Meu senhor, é o conflito
Da fome que aqui nos traz.

JOSÉ

Da fome! São vistas más
Que aqui vos trazem, quem sabe
No possível mui bem cabe,
Que de maneira fingida
Venhais ver se guarnecida
A nossa terra estará.

*ACER*²⁹⁵

Não meu Senhor, vimos cá
Pella miséria comum,
Porque não há pão *ninhun*²⁹⁶,

²⁹⁴ “ferosteiros”.

²⁹⁵ Na versão de A. Vasconcellos os irmãos de José não são referidos pelo nome, mas apenas por “O irmão”, “outro irmão”.

²⁹⁶ Cf. mirandês “ningun”. A forma “ninhun” é também bastante frequente.

Tanto já nas terras minhas
Como nas vilas *vezinhas*.

JOSÉ
Inda que ouço essas razões²⁹⁷
Digo que sois *expôdes*
À nossa terra mandados.

SIMÃO
Não senhor, fins tão danados
Não são de quem nos mandou
Um bom *pae* nos enviou
Ou antes nos *deichou* vir
Remédio à fome pedir,
Pois conta-se em toda a parte
Que no *Egito ouve* a arte
De seus males prevenir;
E que dos cheios celeiros
Repartem c'os estrangeiros
Que compram ou *veem* pedir.

GRACIOSO
Deicha-me eu daqui ir
Que nesta ocasião²⁹⁸
Algum *delles ade* ir à prisão.

JOSÉ
Vós donde sois estrangeiros?

RUBEM
Estes vossos servos *liais*
São de Canaam *natorais*,
Filhos dum velho pastor.

José leva um lenço aos olhos; mas depois disfarça e pergunta-lhes:

Então inda tendes pai?

RUBEM
O céu *nol-o a conserbado*
Porém já muito acabado.

JOSÉ
E vós quantos irmãos sois?

RUBEM
Fomos doze;
Porém dois *connosco*²⁹⁹ não estão.

²⁹⁷ “esas razões”.

²⁹⁸ “o quasião”.

JOSÉ
Onde estão eles então?

RUBEM
O mais novo em casa o temos
Outro há³⁰⁰ muito que o perdemos.

JOSÉ
Nada, nada, vós de certo
Vindes d'ânimo encoberto
Explorar este *paiz*.

Só pelo pão não saís
A fazer esta viagem
Nisso só *á* espionagem³⁰¹.

RUBEM
Não, senhor, mil vezes não;
Nós só vimos buscar pão:
Se *ouvesse* pão, meu senhor,
Como no ano anterior,
Ou nos seis que têm passado,
Nenhum de nós caminhando
De certo tanto andaria,
Como andamos neste dia
C'o corpo bem fatigado.

JOSÉ
Não, não vos *acradito*
Somente, p'ra que proveis
Tudo o que dito *aveis*,
Se um mandardes a *boscar*
O que *deichas-tes* ficar;
Aliás vós nunca mais
Daqui a sair tornais.

Oje ireis pois à prisão
Até nova ordenação.

RUBEM
Senhor, a nossa inocência
Neste ponto é muito grande,
Porém vossa alteza mande
O que julgar de prudência.

JOSÉ
Que vão presos, determino.

²⁹⁹ “com nos”.

³⁰⁰ “a”.

³⁰¹ “equipagem”.

Voltando-se para os “pagens”:

JOSÉ

Ao comandante da tropa
Vae já, já sem demorar
Que vos *queirão* acompanhar
Estes *omens* à prisão levar.

2º PAGEM

Meu amo vos manda dizer
E quer que *mos*³⁰² acompanheis
Lebar aqueles *omens* à prisão.
Com a *jente* que trazeis.

COMANDANTE

Sim senhor,
Tudo isso vou já fazer
Que nós estamos sujeitos
Ao que nosso príncipe disser.

“Levão-nos” para a prisão.

GRACIOSO

Olhae como os *encerarão*
Dentro daquela prisão
Só *asim* pagarão o crime
De vender a seu irmão.

JOSÉ

Se juiz lhes hei mostrado
Que por espias os tenho
Dizer-lhes, é meu empenho
Que assim serão considerados³⁰³.

Ah, meu Deus, eu agradeço
Um favor que não mereço
Como este que me fazeis:
Ver a meu *paee* outra vez
Inda me concedereis?

³⁰² Forma mirandesa do pronome pessoal. De referir que toda esta intervenção que se inicia com José a dirigir-se ao “comandante da tropa” até à intervenção do Gracioso, não está nem na versão de A. Vasconcellos nem da de Azinhal Abelho. Foi certamente acrescentada por um *regrador* local, possivelmente para fazer sobressair a justiça com que José trata os irmãos.

³⁰³ Na nossa versão não se encontra o verso seguinte, que completa o sentido dos versos anteriores: “Enquanto os não vir mudados...”

Ah! Estes irmãos fazei
Que chorem bem o seu crime.
Quanto a mim, eu esqueci-me,
Da *ofenssa* que recebi.

Se inda lhe não descobri
Que sou seu irmão José,
Isso tão somente é
Enquanto o meu Benjamim
Eu não veja junto a mim.

José passa de frente da prisão.

SIMÃO

Meu Senhor *á* já três dias
Que aqui nos tem prisioneiros;
Ah! nós somos verdadeiros
E não perversos espias
Como, ó senhor, desconfias?

JOSÉ

Preso um de vós ficará
E o resto a Canaam irá
A trazer-me vosso irmão.
Aliás, para a nação
De certo não voltareis.

JUDAS

Pois já que assim o quereis
A verdade vereis vós
Fique em reféns um de nós
Como, meu senhor quereis.

JOSÉ

Brevemente partireis.

Retira-se um pouco dos irmãos mas fica em sítio onde eles o vêem e eles “ficão” a falar em meia voz.

ZABELOM

Justamente padecemos
Pelo crime que fizemos,
Contra o nosso bom irmão
Sem ter *delle compeichão*
Nem atender aos pedidos,
Que nos fez e a seus *jemidos*.

RUBEM

Vedes, eu bem vos chamava
A ver se vos desviava
De delito tão atroz

Contra nosso irmão, mas vós
Fostes então obstinados
Agora pois resignados
Soframos a *ponição*.

José acaba de se retirar com o lenço nos ombros e pouco depois volta dizendo para Simão:

JOSÉ
Este em refém³⁰⁴ ficará;
Todo o resto partirá.

*José vai-se outra vez;
Aqui se vê uma outra sala e nela José falando com o seu Mordomo.*

Apronta aos dez estrangeiros
Os seus sacos com farinha;
As ordens dá muito *azinha*;
E os servos que andem ligeiros;
E nos sacos os dinheiros
De cada um meterás
Que recebido terás
Delles p'rá compra do pão.
E a esta provisão
Ajuntarás comestíveis
Com as *precauções* possíveis
Para que se não estraguem
Ou chovendo não se aluguem
E se não possam comer.

MORDOMO
Tudo, senhor, vou fazer.

Vai-se a medir-lhe o pão e entrega-lhe os sacos e o dinheiro dentro.

GRACIOSO
Só tu ficas, enfim
A pagar o teu delicto
Até que voltem outra vez
Com o teu querido³⁰⁵ Benjamin.

*Foge para perto de Jacob.
Toque música.
Aqui se vê a tenda de Jacob, este e Benjamim.*

JACOB
Meu filho, queres saber

Porque tenho resistido,
É por o céu ter querido
Que junto te possa³⁰⁶ ter.

Bem sei, que para eu viver
Se Deus o quisesse³⁰⁷ assim
Escusaba um Benjamim;
Mas estou capacitado
Que para eu ser amparado
O Céu te *deichou* comigo,
Nestes dias em que o *prigo*
De teus irmãos viajantes
Cuido a todos os instantes
Estar vendo, pois de certo,
Inda que não fica perto
Essa terra aonde foram
Eu vejo que se demoram
E que *á* mais de dias três
Podiam estar outra vez
Nesta terra *descançados*,
Sem andarem apressados
E marchando por seus pés.

BENJAMIM
Olhai, Senhor, bem sabeis,
Que na corte as *pretenções*,
Tem muitas *contradições*
E assim discorrer deveis.
Há três dias vós dizeis
Que deviam ter chegado
Mas quem sabe, se alcançado,
Terão logo mui ligeiros
Lá dos reaes dispenseiros
Não só a venda do pão
Mas sua pronta *extração*,
Daqueles *reaes* celeiros
Quando tantos, aos milheiros,
O mesmo pretenderão!

Mas *esprai*, que ao longe vejo,
Pela porta alguns viajantes,
Esprai que menos distantes
Possa ver como forcejo,
Se são eles. É verdade
Já com toda a claridade
Os *destingo*; eles lá vêm
Já reconheço a Rubem.

JACOB

³⁰⁴ “reféns”.

³⁰⁵ “crido”.

³⁰⁶ “posa”.

³⁰⁷ “quize-se”.

Oh! Louvado seja Deus,
Pelos benefícios seus!

BENJAMIM

Porém eu vejo só nove!
É que o outro a rocha sobe
Mais vagaroso inda *atraç*.

*Pouco depois “chegão” os filhos de Jacob menos o
que ficou em reféns³⁰⁸.*

TODOS

A vossa bênção meu *pae*.

JACOB

Paz vos seja e vos sentai,
Porém disse-me, um de vós
Falta aqui; teremos nós
Outra cena de José.

*Os filhos sentam-se depois de terem acondicionado
os sacos do pão.*

JUDAS

O senhor daquela terra,
Onde o pão fomos buscar,
Não nos *quere acreditar*
E em cárcere nos encerra;

E cada vez mais se aferra
À estranha opinião,
De que não era para o pão
Que tínhamos³⁰⁹ ali ido,
Mas p'ra ver se guarnecido
O *paiç* estava ou não.

E como nós lhe dissemos
Que quem ali nos mandou
Fora um pai, ele mostrou
Interesse em de vós saber:
E tendo ouvido dizer
Que com ele *inda ficaba*,
Filho mais novo que amava
Ele comoção mostrou;
E depois nos declarou
Que para Canaam voltar,

Aviamos protestar
Trazer-lhe o mais novo irmão.

JACOB

Ó meu Deus! Não vai, não, não?

JUDAS

Disse-nos, com seriedade,
Que ficasse na cidade,
Como de *fato* ficou,
Em reféns, e nos mandou
Com os sacos bem sortidos
E assistidos também
Doutros viveres que aqui *vem*,
Fora o que temos comido.

*Cada um dos filhos de Jacob vai abrir o sacco e dizem
todos a um tempo.*

No meu sacco vem metido
O preço do pão vendido!

JACOB

Com todos, tal distração³¹⁰
Ah! Como pode isso ser?

LEVI³¹¹

Eu estou certo de ter
Entregado o meu dinheiro.

IZAQUEL

Eu até fui o primeiro
Que paguei minha porção.

GADE

Eu comprando *puç* na mão
Do mordomo logo a *pága*.

JACOB

Queira Deus que isso não traga
Alguma tribulação?

JUDAS

Ah! Não traz, não traz meu pai,
Se vos fiardes em mim;

³⁰⁸ Na versão de A. Vasconcellos lê-se igualmente:
“ficou em Reféns”. Em outros textos da mesma
época encontramos também esta construção: “ficar
em + refém”.

³⁰⁹ “timos”.

³¹⁰ Em Vasconcellos lê-se, a seguir, este verso: “É de
crer que houvesse então.”

³¹¹ Tal como em outras situações, na versão de
Vasconcellos estas intervenções não são atribuídas
directamente a ninguém mas apenas “a um dos
filhos”, “outro”, etc.

Vosso amado Benjamim
Levar *com connosco* deixai.

JACOB
Benjamim?! Ah! não, não vai.

JUDAS
Mas nosso irmão certamente
Lá morrerá³¹² tristemente...

JACOB
Não, não morrerá decerto.

JUDÁ
Com o coração aberto
Vos falo agora, senhor!
Sabeis que eu tenho amor
A *dous* filhos que meus são!
Pois eu *douvos* permissão
Dambos eles me matar,
Se eu não vos entregar
A Benjamim vivo e são.

RUBEM
Dessa sorte resgatamos
Nosso irmão, e o tal senhor
Do *Egito* governador,
Ter por amigo nós vamos
E por isso vos juramos
Que alcançaremos assim
A volta de Benjamim.

JACOB
Deichaste morrer José,
E nem quereis que ao pé
Este me fique! Pois não?!
Não levareis vosso irmão
Enquanto eu respirar
E meus olhos não cerrar
Com a sua própria mão.

Jacob vai-se como indignado levando consigo a Benjamim.

ZABELOM
Ai, do pobre Simão,
Do nosso irmão querido
Que lá se fica retido:
Qual será sua aflicção!

³¹² “morera”.

LEVI
Não apresseis mais a pena³¹³
De nosso pai virtuoso,
A quem há-de³¹⁴ ser forçoso
Ceder em acabando o pão!...³¹⁵

GRACIOSO
O bom do velho é que fez
Um grande festim
Diz que não *deicha* ir com os irmãos
O seu querido Benjamim.

Mas há-de³¹⁶ se *ber* obrigado
Pois então? Em acabando o pão.

Toque música.
Aqui se vê José no seu palácio e com ele Faraó conversando.

JOSÉ
Ao que vos devo, senhor,
A tantas provas *riaes*,
Do amor com que me *onrraes*
Eu sei dar todo o valor.

Eu vejo este esplendor,
E não o posso *em carar*
Sem pasmado a Deus louvar
Por quanto nasci pastor.

FARAÓ
Cada vez mais amizade
Te tenho e bens te desejo
Por que em ti um anjo vejo
Tão útil à *umanidade*.

Na actual³¹⁷ calamidade
Com que o mundo se vê a braços³¹⁸,
Como *serião* escassos
Recurssos particulares,
A não ser as salutares

³¹³ Em Vasconcellos lê-se “paixão”.

³¹⁴ “ade”.

³¹⁵ A construção sintáctica “em acabando”, muito comum em mirandês, também não nos aparece na versão de Vasconcellos na qual se lê simplesmente “ceder acabando o pão”. Foi, portanto, mais um acrescento de um “regrador”.

³¹⁶ “ade”.

³¹⁷ “Na tual”.

³¹⁸ “abraços”.

Medidas que *desposeste!*
Tu merecedor te fizeste
Ainda de honras³¹⁹ mais *lozidas*.
As galas te são devidas,
Por que não só necessário,
Seria meu régio erário
Para atenuar o mal;
Mas toda a *caza* real
Se *extinguiria* decerto
Neste *deloroso* aperto;
E não se *aver extinguido*
A ti decerto é devido,
A teu inspirado acerto.

[De ti o céu se servia]³²⁰
Para o *Egito* salvar
E até para *consular*
Povos mais a quem feria,
Flagelo como não viu³²¹
Há³²² muito na terra outro *equal*.

JACOB³²³
Voltai segunda vez meus filhos
Ao *Egito* buscar mais pão
A ver então se trazeis
A vosso irmão Simão.

Levareis então a Benjamim
E de vós irá acompanhado
Mas tende com ele *coutela*
Que não *seje* doutra fera tragado.

Chega o 1º “pagem” e tendo-se curvado diante de Faraó diz para José.

PAJEM
Senhor meu, *vem* de voltar
Os nove irmãos *camponezes*
Que vieram alguns *mezes*.
Um de mais julgo contar

³¹⁹ “donras”.

³²⁰ Acrescentámos este verso de A. Vasconcellos, omisso na nossa versão, pois nos parece importante para a compreensão dos versos seguintes.

³²¹ Nas outras versões lê-se “via”.

³²² “A”.

³²³ Na versão de António Vasconcellos também não aparece esta intervenção de Jacob. Como se pode constatar ela foi introduzida, um pouco abruptamente, sem que o “autor” se preocupasse com a unidade de espaço nem de acção.

Que irmãozinho é também
Pelas feições que tem.

JOSÉ
Vai e *façe-os* entrar
Até ao *páteo* e *esprar*.

FARAÓ
Meu José, vim ver-te aqui
A saber se a teu contento
Hoje está este aposento
Que *a* tempos eu to escolhi.

Agora vou-me de ti
Despedir até voltar,
O que há-de meses tardar,
Pois pede a minha saúde
Que para o campo me mude
Até o estio passar.

José abraça os joelhos do Rei e dentro em um minuto este sai e José vai atrás dele despedi-lo.

GRACIOSO
Lá *chegarão* os tais
Cançados se caminhar
A *ber* se enchem as *barigas*
Num jantar que lhe *vae* dar.

Eu hei-de me arrumar³²⁴
A *ber* se algo me dão
E se não me derem nada
Volto com o meu bordão.

Aqui se vê o pátio do palácio de José onde estão os irmãos deste e seu mordomo.

MORDOMO
Meu amo vem de ordenar,
Que para cima subais
E que com este comais
No banquete que *vae* dar:
Lá no alto *aveis* de achar
Um *pagem* a quem sigais.

Eles sobem e “jantão”.

MORDOMO (*só*)
Não é fácil perceber
O que isto significa!

³²⁴ “Eu eide-me a romar”.

Há tempos um preso fica
Para vir um irmão trazer:
Agora fá-los³²⁵ comer
Qual se fossem seus iguais!
À vistas de cousas tais
Confesso que estou pasmado!
Mas *deicha-me* ir apressado!
Ver o que é preciso mais.

*“Sentão-se” todos a jantar. Aqui se vê uma sala
na palácio de José, só, limpando os olhos como
quem chora.*

Oh meu Deus! Que vejo enfim!
Dia de consolação!
De *pae* e de mãe irmão,
Vejo ao caro Benjamim!

Também parece que sim
Os outros *mostrão* mudança;
Mas meu peito não descansa
Em sua boa *parência*:
Eu tratei, com preferência,
No banquete o irmão *piqueno*,
E receio que o veneno
Outra vez de negra inveja
Nos mais entrasse e que seja
Causa também de o venderem
Ou dele se desfazerem.
Vou uma prova fazer³²⁶
Para bem os conhecer.

Volta o mordomo e José diz para ele:

Mete o dinheiro, eu te ordeno,
Nos sacos e depois ata,
E a minha taça de prata
No saco do mais *piqueno*.

“Vae” o mordomo a despachar os irmãos:

JOSÉ
Vamos ver se *modados*
Estão como me parecem
Ou se se não enternecem
Vendo-se deste privado.

Vai-se.

*Aqui se vê uma estrada e nela caminhando os orze
irmãos carregados cada um com o seu saco nisto vem o
mordomo atrás deles com mais criados.*

MORDOMO
Assim pagais, com maldade
Os bens que haveis³²⁷ recebido?

Todos “parão” espantados.

RUBEM
Pois que temos cometido
Dizei, senhor, por piedade.

MORDOMO
Roubasteis sem probidade
A quem tanto vos *onrrou*.

TODOS
Não, *ninbum* de nos *fortou*
E para provar a verdade
Aqui estão os sacos.

*“Apresentão” todos os seus sacos e acha-se a taça
prata no de Benjamim.*

MORDOMO³²⁸
Estais todos presos
Que achei a taça de prata
No saco do mais *piqueno*.

Tenham a bondade de
Me acompanhar
Até meu amo escutar.

*Eles vão todos chorando atrás dele para o palácio de
José com a aparência de muito consternados.
Aqui se vê a última sala de José e seus irmãos.*

JUDÁ
Senhor, ouvi por piedade,
Nosso *pae* é já velhinho;
Perdeu há muito um filhinho,
De que *inda oje á* saudade.

Já da terra a *felecidade*
Julga por nada, somente

³²⁵ “falos”.

³²⁶ Na nossa versão lê-se “faz”.

³²⁷ “a beis”.

³²⁸ Esta intervenção foi aqui colocada por um
“regrador. Na versão de Vasconcellos, esta indicação
aparece na didascália.

O prende presentemente
Este filho a quem se achou
A taça que vos faltou,
Caso que *em tender* não sei.

Mas somente vos direi
Que ele muito lhe *costou*
Quando no-lo *em tregou*
E ao princípio se *opoz*
Mas a fome foi algoz
Que a tal golpe o obrigou.

Pois quando outra vez mandou
Os filhos por precisão
Buscar ao *Egito* mais pão
Pudemos fazer-lhe crer
Que presos vínhamos a ser
Não trazendo nosso irmão.

Dizem todos.

Predei ou matai-me a mim
Mas *deichae* ir a Benjamim.

JOSÉ³²⁹
Sabeis *bós* com quem falais?

TODOS
Nós, não, senhor!

JOSÉ
É com José *bossa* irmão:
Ponde em meu rosto atenção
Mais que nas galas *riaes*.

*Os irmãos “reparão” e caem todos por terra de
bruços. E José os levanta e os abraça um por um.*

TODOS
Perdoae, querido irmão
A nossa malvada *ação*
Foste por nós adorado
Como tu tinhas sonhado.

JOSÉ
Mas apressai-vos³³⁰ e marchai

A consolar nosso *paæ*:
Dizei-lhe que o seu José
Príncipe no *Egito* é,
Que quero *brebe* abraçá-lo.

Todos abraçando-o ternamente.

Vamos, vamos *consolal-o*.

JOSÉ
Doutra vez será sabida
Por vós toda a minha vida
Terei tempo de *contal-o*.

Depois de muitos abraços saem e José vai despedi-los.

GRACIOSO
Uma cena se passou
Quando lhe deu de comer
Mas foi bonito, foi
Quando se deu a conhecer.

Agora vou lá pra cima
A ver o que lhe vão contar
Porque desta vez ao *paæ*
Não no irão *emganar*.

Toque música.
*Aqui se vê pela última vez a tenda, de Jacob, ele só,
chorando.*

Ó meu Deus por mais que estendo
A vista pela estrada
Não é possível ver nada
Daquilo que ver *pertendo*.

Pobres filhos! estou vendo
Que desta vez lá ficastes,
Ou Benjamim me *deichastes*
Num *pricipício* cair,
Ou das feras consumir!
Ai de mim! Eu não sabia
Que ainda mais triste morria!

Mas não sei que estou a ouvir!
Parecem pés de viajantes
Ainda muito distantes!...
Ah! Sereis vós, filhos meus ...
Sim, *soes*, sois, graças a Deus!
Sois nas vozes semelhantes.

³²⁹ A didascália, presente da versão de Vasconcellos, indicando que José se retira por uns instantes, é aqui retirada, precipitando o “reconhecimento” e o desenlace.

³³⁰ “a presaivos”.

“Chegão”os filhos e Jacob ajoelha e fica assim por algum tempo e depois abraça Benjamim ternamente . “pousão”os sacos e diz Rubem:

Uma nova singular
Vos trazemos de prazer.

JACOB
Melhor já não pode ser
Que é de vos ver voltar.

JUDAS (*para os irmãos*)
Ah! *Deichai-me* a mim contar:
Meu *pae*, José quer-vos ver!

JACOB
José! Que *estaes* a dizer?!

TODOS
Sim, José vive, meu *pae*.

JACOB
Pois, filhos, como é possível
Depois da morte terrível!

Caem todos de joelhos aos pés de Jacob:

RUBEM
A negra inveja, sonha,
Por ver a predilecção³³¹
Com que amavas esse irmão
E o sonho que ele contou,
Que *oje* se verificou
Levou teus filhos ao *orror*
De esquecer paterno amor
E as leis da natureza,
Vendendo-o com ruim *feresa*
A estrangeiro mercador.

Deste *ororoso* delito,
Porque a volta receíamos,
Tinto o facto te mandamos
Em o sangue do cabrito.

Jacob levanta as mãos pondo os olhos no Céu e o filho continua:

Oje é grande no *Egito*
Braço direito do rei
Mais desta *istória* não sei,

³³¹ “predilação”

Por ora do que tenho dito.
Vós, senhor, nos perdoai
A dor que vos temos dado,

Que o mesmo temos rogado
Há³³² muito ao celeste *pae*.

JACOB
Ai que crime! Crime *orrendo!*
E duplicado e tremendo!
Mas, *em fim*, Deus ter-vos-á³³³
Dado um bom castigo já.

Dam apontando, para Rubem e Judá:

Estes são menos culpados;
Nós outros determinados
Estivemos a dar-lhe a morte;
Mas temos tido dor forte,
Temos mil vezes pedido
Perdão do *orror* cometido
A Deus justo, pio e forte.

JACOB
Pois bem, filhos meus, *entrae*
Cá para dentro agora,
Enquanto em retiro a dor
Ao bom Deus o vosso *pae*.

Vão-se e Jacob “vae” dizendo como quem delira:

José! José! José!

Aqui se vê uma praça e nela muito povo. Chega depois um carro trazendo dentro José e sua “esposa”, damas e seus filhos e vários nobres a cavalo e ficam parados à espera no meio da praça. E avista-se depois o velho Jacob que vem a pé com seus filhos em volta. José “imediatamente” desce do coche e toda a família descendo-se os cavaleiros de seus cavalos acompanhado de sua esposa e seus dois filhos “vae” ao encontro de Jacob, o pai e o filho abraçam-se e ficam perto dum minuto nesta posição.

JACOB
Meu filho!

JOSÉ
Meu caro *pae!*

³³² “A”.

³³³ “tervos á”

Este casco pertence à falia³³⁵ de Simão Fanega.

JACOB

És tu! Dize, és tu deveras?

JOSÉ

Nestas lágrimas sinceras
A doce certeza olhai.

JACOB

Ó meu Deus, que *oje* aceito,
Como em agradecimento
De tanto contentamento,
A minha alma e coração,
Eu renovo a doação
Que *delles* vos tenho feito.

Jacob ajoelha e volta os olhos³³⁴ para o céu e as mãos. José e seus irmãos e os demais ajoelham também no meio da campo e demoram nesta posição alguns instantes e depois Jacob se levanta e todos mais.

JOSÉ

Penetrado de respeito
E do amor que me *merceis*,
Peço que a bênção me deis
Neste ditoso momento.

E os filhos vos apresento,
E minha esposa também
Que com afecto vos vem
Para que os abençoeis.

“Jacobe” lança a bênção a todos, depois do que faz José subir seu “pae” e seus irmãos no grande coche e ele sobe também com sua “molher”, filhos, etc. e todos os seguem.

FIM

[Na última página lêem-se as seguintes notas]:

Esta comédia foi representada em 10 de Maio de 1936.

Esta comédia foi representada em Sendim dia 10 de Maio de 1936.

³³⁴ Nas versões de A. Vasconcellos e de Azinhal Abelho lê-se “rosto”.

³³⁵ Trata-se certamente de um lapso, devendo ler-se “família”.

